

É ouvindo a população que se  
constroem políticas públicas adequadas

EDIÇÃO: MARCO ZERO  
Brasília, 20 de setembro de 2012





É ouvindo a população que se  
constroem políticas públicas adequadas

**Governo Federal****Presidência da República****Secretaria de Assuntos Estratégicos**

Esplanada dos Ministérios, Bloco O, 7º, 8º e 9º andares, Brasília – DF / CEP 70052-900

<http://www.sae.gov.br>

**Ministro Moreira Franco****Parceiros**

Caixa Econômica Federal (CEF)

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

**Apoio**

Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Instituto Data Popular

Instituto Alvorada Brasil

**Editores**

Diana Grosner (SAE/PR)

Renato Meirelles (Data Popular)

Daniela Gomes (PNUD)

**Coordenação e produção**

Alessandra Bortoni Ninis (SAE/PR)

**Redação**

Ricardo Paes de Barros (SAE/PR)

Diana Grosner (SAE/PR)

**Produção estatística**

Samuel Franco (IETS)

Andrezza Rosalém (IETS)

Karina Sayuri Sataka Bugarin (SAE/PR)

José Jorge Gabriel (SAE/PR)

**Projeto gráfico / diagramação**

Fabício Martins

**Revisores**

Adriana Mascarenhas (SAE/PR)

Jóira Coelho e Mariana Moura (Liberdade de Expressão)

**Divulgação**

Assessoria de Comunicação (SAE/PR)

Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República - SECOM

## SUMÁRIO

Apresentação .....	7
Nota da CNI sobre o projeto Vozes da Classe Média .....	10
1. Sobre o tamanho da classe média .....	11
2. Faces da classe média .....	19
3. Mecanismos de ascensão .....	26
4. Comportamento da classe média .....	32
5. Opinião da classe média .....	37
Classe média: novas demandas de um novo Brasil .....	46
A orkutização do cotidiano brasileiro .....	48

# VOZES da CLASSE MÉDIA



## Apresentação

Nos últimos 10 anos, 35 milhões de pessoas entraram na classe média – que passou de 38% da população, em 2002, para 53%, em 2012<sup>1</sup>, somando hoje mais de 100 milhões de brasileiros. Nesse período, o país desenvolveu e implementou um conjunto de programas sociais reconhecidamente eficazes para reduzir a pobreza e promover a inclusão produtiva. A questão que se coloca neste momento é se esse mesmo leque de programas permanecerá sendo a melhor opção, agora que a extrema pobreza foi reduzida a menos da metade e a classe média passou a representar mais da metade da população brasileira.

Embora a extensão e a natureza dos ajustes que precisarão ser feitos às políticas públicas sejam alvos de debate e especulação, existe pleno consenso de que a ação governamental precisará se adequar às necessidades da crescente classe média. Afinal, existem reconhecidas diferenças entre as necessidades dessa classe e as da população mais pobre. Enquanto os menos favorecidos miram o presente e adotam estratégias defensivas de sobrevivência, a classe média se concentra no futuro, buscando formas de promover ou preservar sua ascensão.

O intenso esforço de redução da pobreza que caracterizou a política social brasileira levou políticos, gestores e pesquisadores a examinar minuciosamente as reais necessidades e o comportamento da população mais pobre. Em boa medida, a reconhecida efetividade dos programas adotados decorre da elevada adequação deles à população a que se dirigiam.

Em contrapartida, no momento em que o acentuado alargamento da classe média requer a adequação das políticas, constata-se que não existe conhecimento amplo de seus interesses, visões, percepções, valores, atitudes, receios e anseios. Sem profunda compreensão desse majoritário grupo social, será impossível ajustar as políticas públicas existentes para que, além de permanecer eficazes na redução da pobreza, sejam também capazes de promover o contínuo progresso da classe média.

Visa a contribuir para o devido aprofundamento do conhecimento sobre a classe média – fundamental à adequação das políticas públicas –, a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, a Caixa Econômica Federal e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento apresentam o projeto *Vozes da Classe Média*.

O projeto está organizado em duas grandes etapas. De imediato, são exploradas as fontes de dados existentes, como a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) e a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), ambas produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além dessas, o projeto aproveitará também a ampla variedade de pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo Instituto Data Popular. Ao todo, elas compõem um conjunto de 27 pesquisas realizadas nos últimos três anos, com abrangência nacional, tratando da opinião das diversas classes de renda brasileira sobre 22 temas públicos de relevância para o bem-estar individual e para o desenvolvimento do país (veja Tabela 1).

<sup>1</sup> Segundo comissão instituída pela SAE para encontrar uma definição prática e conceitualmente sólida para classe média, pertencem a esse grupo todas as pessoas que vivem em famílias com renda *per capita* entre R\$ 291 e R\$ 1019 (em reais de abril de 2012).

**Tabela 1 – Pesquisas de Opinião**

Instituição	Base	Título	Data
Confederação Nacional da Indústria (CNI) / Ibope	Retratos da Sociedade Brasileira	Educação	Junho, 2010
		Meio Ambiente – 1ª Edição	Setembro, 2010
		Qualidade dos Serviços Públicos e Tributação	Dezembro, 2010
		Locomoção Urbana	Março, 2011
		Segurança Pública	Julho, 2011
		Saúde Pública	Setembro, 2011
		Meio ambiente – 2ª Edição	Dezembro, 2011
		Inclusão Financeira	Março, 2012
Data Popular	Pesquisas de Opinião	Tempo de Mulher	Julho, 2011
		Expectativas de Consumo	Janeiro, 2011
		Pesquisas Gerais de Opinião	Junho e julho, 2012
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)	Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)	Cultura	Mai, 2010
		Justiça	Mai, 2010
		Segurança Pública	Mai, 2010
		Bancos	Agosto, 2010
		Igualdade de Gênero	Agosto, 2010
		Mobilidade Urbana	Agosto, 2010
		Educação	Novembro, 2010
		Saúde	Novembro, 2010
		Trabalho – 1ª Edição: Direitos do Trabalhador e Qualificação Profissional	Novembro, 2010
		Assistência Social	Novembro, 2011
		Defesa Nacional	Novembro, 2011
		Mobilidade Urbana – 2ª Edição	Novembro, 2011
		Trabalho – 2ª Edição: Trabalho e Renda	Novembro, 2011

Nessa primeira fase, o objetivo é compilar e organizar as informações contidas nessas pesquisas e aprofundar sua interpretação com vistas a responder às seguintes questões:

- Quem são as múltiplas faces da classe média?
- De onde vem a classe média brasileira? Para onde vai? Onde mais cresceu?
- Como se comporta? Como utiliza os serviços públicos?
- O que pensa? O que quer? Quais são suas necessidades, receios, valores e sonhos? Como avaliam os serviços públicos?

Os resultados dessas análises serão divulgados em edições eletrônicas bimestrais dos *Cadernos Vozes da Classe Média*. Cada um cobrirá um tema específico, como visão de futuro, protagonismo, qualidade e utilização dos serviços públicos. Para facilitar o acesso ao conteúdo dos *Cadernos*, serão publicadas anualmente as *Coletâneas Vozes da Classe Média*, reunindo, atualizando e aprofundando as análises bimestrais.

Na segunda etapa do projeto, serão realizadas pesquisas primárias em 10.000 domicílios espalhados pelas cinco regiões brasileiras. Os mesmos domicílios serão entrevistados repetidas vezes com periodicidade anual. Com esse painel fixo de famílias, poderão ser mapeadas a evolução e as mudanças, para cada faixa de renda, nas necessidades, interesses, percepções, valores, atitudes, receios e anseios das famílias brasileiras. Será possível examinar, por exemplo, se as famílias que ascendem economicamente tendem a incorporar os valores da classe em que estão entrando ou se mantêm valores mais próximos aos de sua classe originária.

Nessa segunda fase, também serão realizadas pesquisas qualitativas com grupos focais para melhor compreensão de determinadas opiniões-chave, bem como das razões para mudanças nas visões da classe média sobre a utilidade e a adequação das políticas públicas. Além disso, buscar-se-á contrastar e entender o porquê de haver certos comportamentos aparentemente conflitantes com as opiniões extraídas das pesquisas quantitativas.

Dessa forma, a Secretaria de Assuntos Estratégicos, a Caixa Econômica Federal e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento esperam – com o projeto *Voices da Classe Média* – oferecer importantes subsídios tanto para o entendimento das mudanças socioeconômicas recentes e de suas consequências, quanto para a imprescindível adequação das políticas públicas a um país que tem na classe média a maioria de sua população.

**Moreira Franco**

Ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República

**Jorge Hereda**

Presidente da Caixa Econômica Federal

**Jorge Chediek**

Representante residente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil

### Nota da CNI sobre o projeto Vozes da Classe Média

O mercado doméstico brasileiro é um dos dez maiores do mundo e sua força é essencial para a competitividade de nossa indústria. Os últimos anos testemunharam um forte crescimento do mercado doméstico com redução das desigualdades sociais e regionais e transformações profundas no perfil do consumidor brasileiro.

Entre 2003 e 2010 foram criados 14 milhões de empregos formais e o salário médio do trabalhador expandiu-se aproximadamente 20%. Como consequência, mais de 30 milhões de pessoas ingressaram na classe média. A expansão desse grupo está promovendo uma revolução no padrão de consumo brasileiro e conhecer o perfil e os anseios dessa parte da população é essencial para a definição das políticas públicas e das estratégias das empresas industriais.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) tem buscado compreender o comportamento e as demandas da classe média brasileira por meio de estudos e pesquisas de opinião sobre a sociedade brasileira. Como exemplo, podemos citar a série de pesquisas de opinião pública denominada *Retratos da sociedade brasileira* e o livro *A classe média Brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*, de Amaury de Souza e Bolívar Lamounier, lançado em 2010.

O projeto *Vozes da Classe Média*, da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República vem ao encontro do interesse da indústria brasileira em conhecer e compreender nosso mercado consumidor. A CNI não poderia deixar de apoiar esse projeto, seja oferecendo as informações de nossas pesquisas de opinião pública, seja participando do debate e da divulgação de seus resultados.

**Robson Braga de Andrade**

Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)



**1 - Sobre o tamanho da classe média**

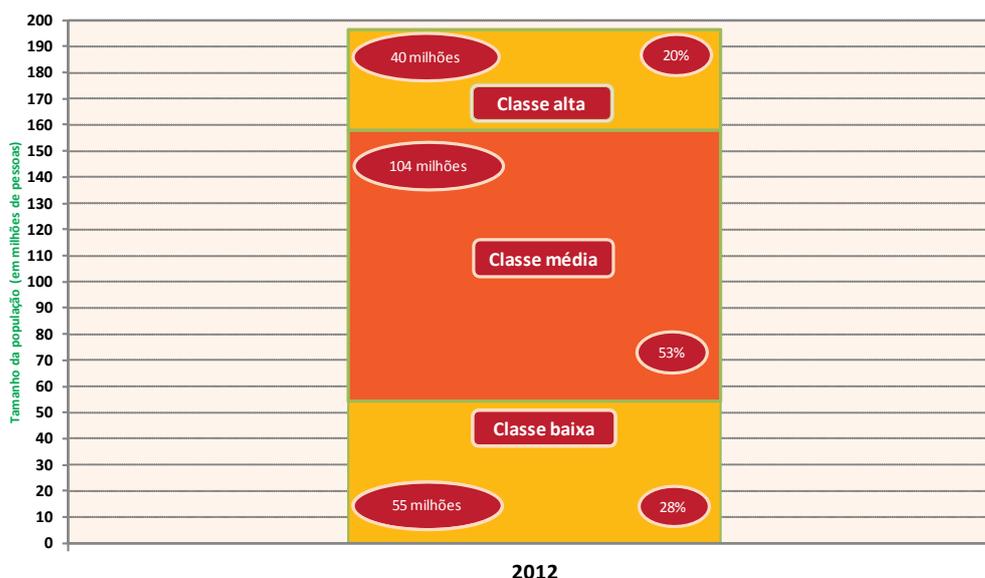
## Como definimos classe média

Conforme avaliação da Comissão Ministerial para Definição da Nova Classe Média coordenada pela SAE, a divisão da sociedade brasileira em três grandes grupos (classes baixa, média e alta) em termos da renda familiar *per capita* é providencial para que se possam descrever as profundas transformações sociais por que tem passado a sociedade brasileira. A partir de uma análise detalhada dos possíveis critérios para definir os limites desses grupos, isto é, onde cada um começa e termina, a comissão entendeu ser a melhor opção utilizar uma divisão que gerasse grupos homogêneos com relação à vulnerabilidade à pobreza. Segundo esse critério, foram considerados pertencentes à classe baixa todos aqueles com alta probabilidade de permanecer ou passar a ser pobres no futuro próximo; verificou-se empiricamente que estes são os que vivem em famílias com renda *per capita* inferior a R\$291 por mês<sup>2</sup>. Foram considerados pertencentes à classe média todos aqueles com baixa probabilidade de passarem a ser pobres no futuro próximo; verificou-se empiricamente que estes são os que vivem em famílias com renda *per capita* entre R\$291 e R\$1.019 por mês. Por fim, foram considerados pertencentes à classe alta todos aqueles com probabilidade irrisória de passarem a ser pobres no futuro próximo; seriam aqueles em famílias com nível de renda *per capita* acima de R\$1.019 por mês.

## O tamanho da classe média em 2012

Estima-se que, em 2012, 53% da população brasileira (104 milhões de pessoas!) já pertencem à classe média definida. Em nível mundial sabemos que o Brasil é o quinto país mais populoso, abaixo apenas de China, Índia, Estados Unidos e Indonésia. Assim, se a classe média brasileira fosse um país, ela seria o 12º país mais populoso do mundo, logo depois do México.

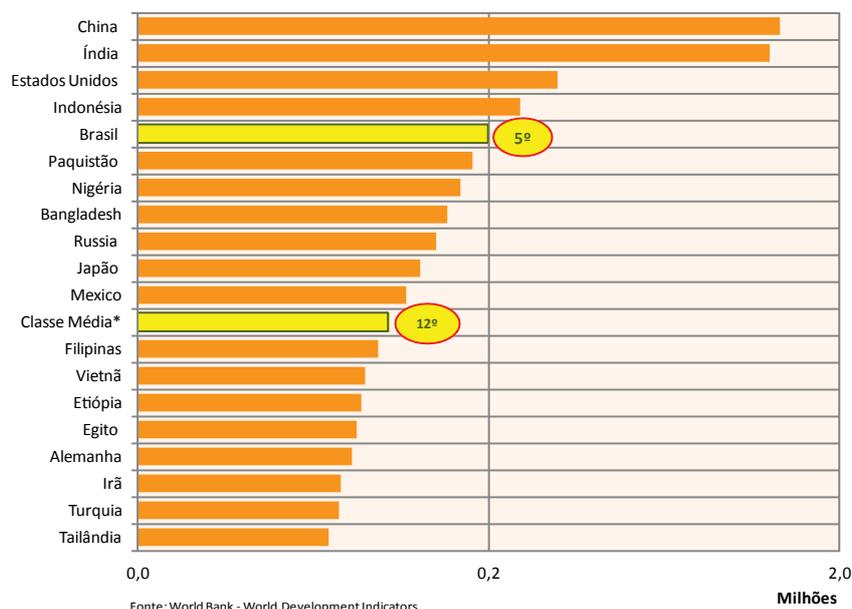
Gráfico 1: Tamanho da população nas diferentes classes, 2012



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

2 Todas as cifras monetárias apresentadas nesta nota estão expressas em reais, constantes de abril de 2012.

**Gráfico 2: População, 2012**



### A classe média cresceu nos últimos anos

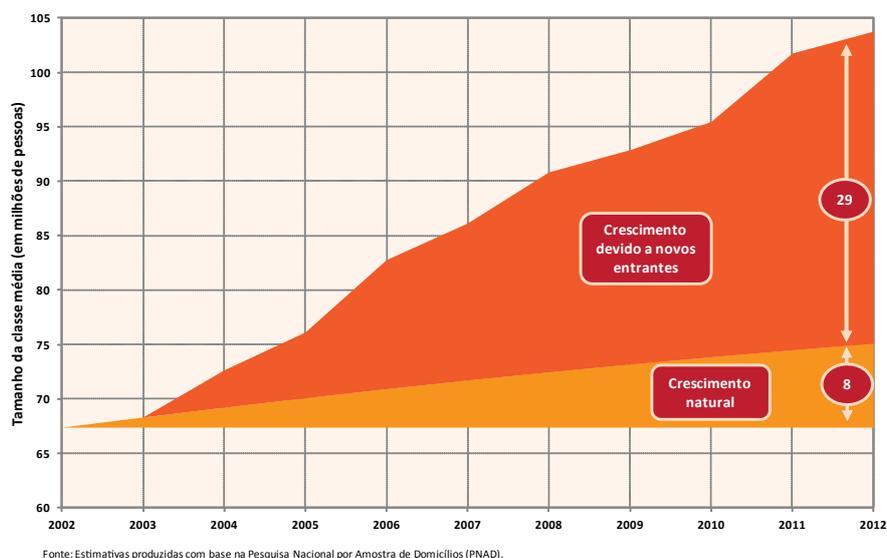
Ao longo da última década, a classe média cresceu de forma bastante acentuada. E esse crescimento não se limitou a acompanhar o crescimento populacional do país. Ao contrário passou de 38% (em 2002) para 53% da população do país (em 2012). A classe média brasileira tem hoje 37 milhões de pessoas a mais do que tinha há uma década. Desse total, 8 milhões são resultado do crescimento natural<sup>3</sup> da população brasileira e 29 milhões se devem à entrada de pessoas na classe média. Em outras palavras, quase 80% do crescimento no tamanho da classe média foi em razão do aumento na sua participação relativa no total da população (de 38% para 53%).

**Gráfico 3: Evolução do tamanho da classe média em relação ao Brasil, 2002 a 2012**



<sup>3</sup> Crescimento natural é a diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade de um determinado local ou país geralmente expressa em porcentagem.

Gráfico 4: Evolução do tamanho da classe média, 2002 a 2012



## Crescimento da classe média não é igual à redução na pobreza

Muitas vezes se associa o crescimento da classe média à redução na pobreza. Embora exista uma relação próxima entre esses dois eventos, eles não são necessariamente um o reflexo do outro. Existem essencialmente duas razões para isso. Em primeiro lugar, existe uma classe intermediária entre os pobres e a classe média. Trata-se do grupo que denominamos vulneráveis. São aqueles que vivem em famílias com renda acima da linha oficial de pobreza (R\$162 *per capita*<sup>4</sup>), porém abaixo do limite inferior para ingressar na classe média (R\$291 *per capita*). Dessa forma, reduções na pobreza que se limitem a expandir o grupo de vulneráveis não terão impacto algum sobre o tamanho da classe média. Em segundo lugar, deve-se lembrar que o tamanho da classe média também é influenciado pela desejável ascensão de parte de seus membros à classe alta. Assim, deve-se reconhecer que a evolução do tamanho da classe média é o resultado líquido da diferença entre o número de pessoas que ascenderam da classe baixa (pobres e vulneráveis) para a média e o número de pessoas que ascenderam da classe média para a alta.

## Quantos saíram da classe baixa e entraram na classe média; quantos saíram da classe média e entraram na classe alta

De 2002 a 2012, ascenderam da classe baixa (pobres e vulneráveis) à média 21% da população brasileira, enquanto da classe média para a classe alta ascenderam 6%, daí o resultado líquido de um crescimento de 15 pontos percentuais<sup>5</sup> no tamanho da classe média.

4 A linha de pobreza foi definida como R\$140, referente a julho de 2010. Seu valor real é R\$162 em 2012.

5 21% - 6% = 15 pontos percentuais.

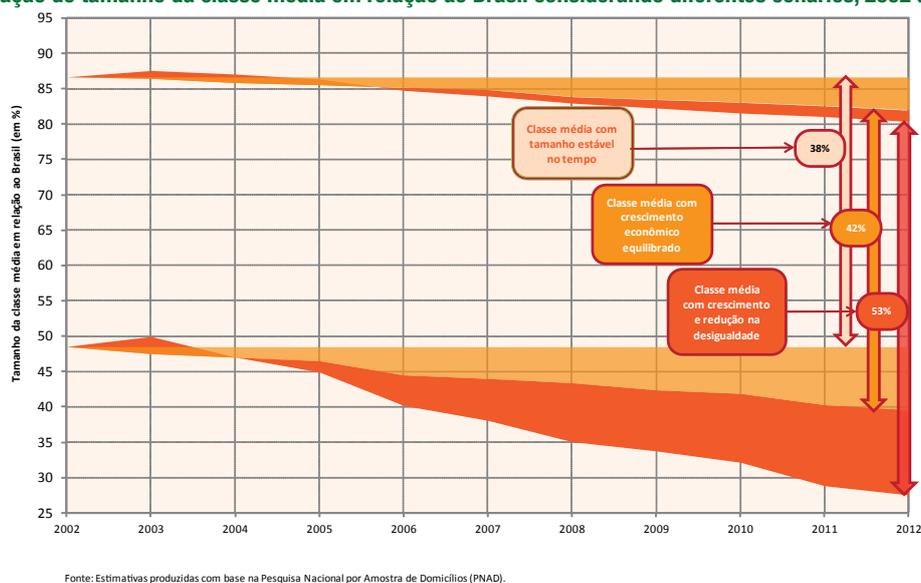
**Gráfico 5: Evolução do tamanho das classes em relação ao Brasil, 2002 a 2012**



### Por que a classe média cresceu tanto

A expansão da classe média resultou de um processo de crescimento combinado com redução na desigualdade. Por causa dessa combinação, a redução da classe baixa foi muito mais intensa que a expansão da classe alta. Caso o processo de crescimento não tivesse sido acompanhado pela redução na desigualdade, a classe média certamente teria crescido muito menos. De fato, caso o país não tivesse reduzido seu grau de desigualdade, teriam deixado a classe baixa (e entrado na classe média) apenas 9% da população (em vez dos 21% que efetivamente ascenderam) enquanto teriam ascendido à classe alta (saído da classe média) 5% da população (em vez dos 6% que efetivamente ascenderam). Conseqüentemente, o crescimento no tamanho da classe média teria sido inferior à metade do que efetivamente ocorreu: teria sido de quatro, em vez de 15 pontos percentuais. Isso quer dizer que o alargamento da classe média brasileira é muito mais um resultado da queda na desigualdade do que propriamente do crescimento econômico.

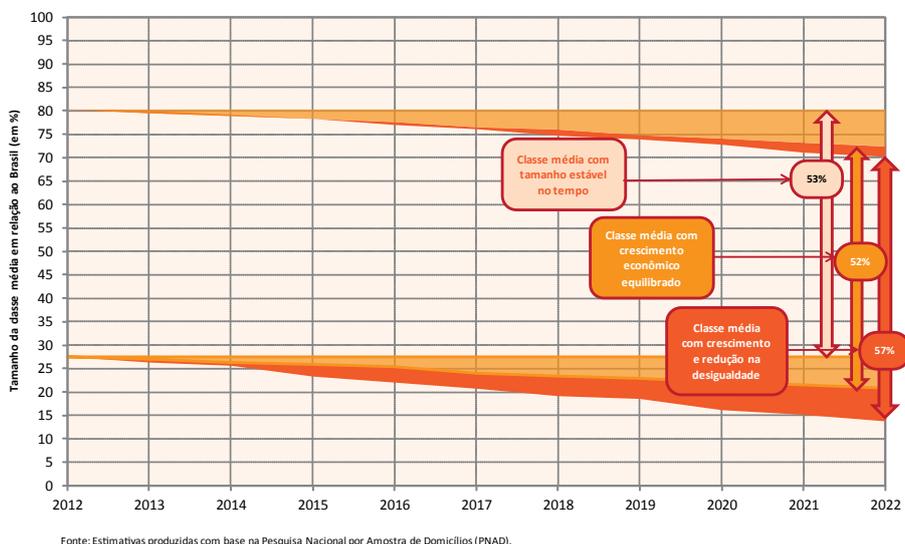
**Gráfico 6: Evolução do tamanho da classe média em relação ao Brasil considerando diferentes cenários, 2002 a 2012**



## Como a classe média crescerá daqui para frente

Como foi mostrado, reduções na desigualdade são seguramente mais importantes para a expansão da classe média do que o crescimento econômico. Estima-se que, mantidas a taxa de crescimento e a tendência de queda na desigualdade dos últimos 10 anos, a classe média deverá abranger 57% da população brasileira em 2022. Caso, no entanto, o grau de desigualdade deixe de cair, o tamanho da classe média permanecerá estável nos atuais 53%. Esse fato pode ser explicado porque o crescimento balanceado (isto é, com todas as classes de renda crescendo às mesmas taxas) leva a uma redução no tamanho da classe baixa e a um aumento no tamanho da classe alta de magnitude similar.

**Gráfico 7: Evolução do tamanho da classe média em relação ao Brasil considerando diferentes cenários, 2012 a 2022**



## A participação da classe média no trabalho formal

Enquanto que 58% da população brasileira em idade ativa está ocupada, na classe média esta proporção já alcança 61%. De forma similar, enquanto, do total da população ocupada no país, 54% têm um emprego no setor formal, na classe média este grau de formalização é mais elevado, já alcançando 56%. Como resultado, a porcentagem de trabalhadores – e em particular de trabalhadores formais – que pertencem à classe média é bem superior à proporção da classe média na população em idade ativa no Brasil. De fato, estima-se que, em 2012, 57% dos trabalhadores (56 milhões) e 58% dos trabalhadores formais (31 milhões) pertençam à classe média, ao passo que a participação da classe média no total da população em idade ativa se limita a 54%.

**Tabela 1: Força de trabalho em 2012**

Classe de Renda	População em Idade Ativa (em %)	Taxa de ocupação (em %)	Grau de Formalização (em %)
Brasil	87	58	54
Classe baixa	77	44	26
Classe média	89	61	56
Classe alta	94	68	71
Classe de Renda	População em Idade Ativa (em milhões)	Trabalhadores Ocupados (em milhões)	Trabalhadores Formais (em milhões)
Brasil	170	99	53
Classe baixa	42	18	5
Classe média	92	56	31
Classe alta	36	24	17
Categorias	Porcentagem na Classe		
	Baixa	Média	Alta
População em idade ativa	24	54	21
Trabalhadores ocupados	18	57	25
Desempregados	44	46	10
Inativos	31	52	17
Trabalhadores ocupados	18	57	25
Formal	9	58	33
Informal	29	55	16

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

## A participação da classe média na renda e no consumo total das famílias

Dados seus níveis já intermediários de renda e elevada representatividade na população, a classe média também tem participação expressiva tanto na renda das famílias quanto no seu consumo. A despeito do ainda elevado grau de concentração de renda do país, a classe média responde por 36% da renda e 38% do consumo das famílias. No contexto mundial, o Brasil representa hoje o 8º mercado consumidor, logo após a Itália; na medida em que a classe média responde por 38% do consumo das famílias brasileiras, se ela fosse um país, representaria o 18º mercado consumidor mundial, logo abaixo da Argentina e da Turquia e acima da Holanda.

**Gráfico 8: Despesa de consumo das famílias por país, 2012**



## Como vem crescendo a renda da atual classe média

Graças ao processo de crescimento com redução na desigualdade, a renda daqueles que hoje formam a classe média brasileira cresceu 3,5% ao ano na última década, enquanto a renda média das famílias brasileiras cresceu no mesmo período a 2,4% ao ano. Em decorrência dessa diferença nas taxas de crescimento, ao passo que há uma década a renda da atual classe média representava 32% do total da renda das famílias, hoje representa 36%.

**Tabela 2: Evolução da participação da classe média na renda das famílias, 1999 a 2009**

Indicador	Classe	1999	2009	Taxa anual de crescimento (em %)
Renda <i>per capita</i>	Todas	504	637	2,4
	Baixa	76	124	4,9
	Média	309	438	3,5
	Alta	1600	1860	1,5
Participação na população (em %)	Baixa	27		
	Média	53		
	Alta	20		
Participação na renda (em %)	Baixa	4	5	1,2
	Média	32	36	3,9
	Alta	63	58	-5,1

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Valores monetários expressos em Reais de outubro de 2009.

## Como vem crescendo o consumo da atual classe média

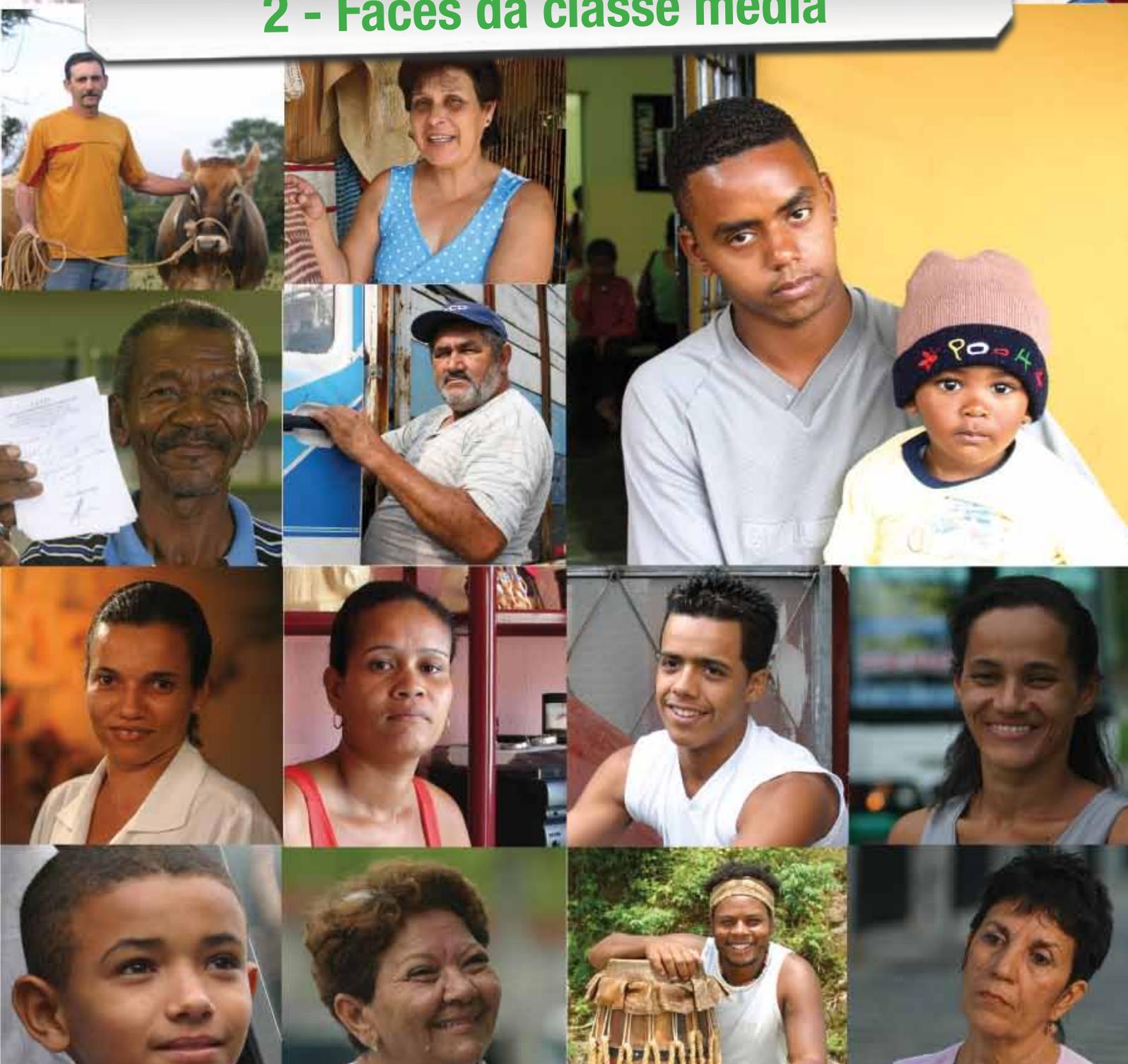
O processo de crescimento com redução na desigualdade resultou não apenas no aumento da renda daqueles que hoje formam a classe média brasileira acima da média na última década, mas também que isso ocorreu com o nível de consumo. De fato, enquanto o consumo da atual classe média cresceu a 2,7% ao ano, a média para o conjunto das famílias brasileiras foi de 2,4%. Por conseguinte, a participação da atual classe média no consumo total das famílias cresceu de 37% para os 38% atuais.

**Tabela 3: Evolução do consumo *per capita* das famílias por classe**

Indicador	Classe	2003	2009	Taxa anual de crescimento (em%)
Consumo <i>per capita</i>	Todas	563	648	2,4
	Baixa	116	139	3,0
	Média	396	464	2,7
	Alta	1.607	1.822	2,1
Participação na população (em %)	Baixa	27		
	Média	53		
	Alta	20		
Participação na renda (em %)	Baixa	6	6	0,2
	Média	37	38	0,6
	Alta	57	56	-0,9



## 2 - Faces da classe média



## A classe média hoje

Estima-se que ao final de 2012 a classe média representará 53% da população brasileira, congregando mais de 100 milhões de pessoas. Por seu próprio tamanho, a classe média não poderia ser homogênea. Todos os grupos socioeconômicos brasileiros se encontram representados na classe média, embora alguns em maior proporção do que outros. A contribuição de cada um deles para a composição dessa classe pode ser vista na tabela 1. Como se pode observar, a classe média está bastante concentrada na área urbana, na região Sudeste, nas pessoas com educação média, nos trabalhadores formais e nos segmentos de indústria e comércio.

**Tabela1: Contribuição dos grupos socioeconômicos para a formação da classe média, 2012**

Grupos socioeconômicos	Brasil	Classe Baixa	Classe Média	Classe Alta
População total				
Cor				
Branco e amarelos	47	31	47	69
Negros	53	69	53	31
Região				
Norte	7	9	6	5
Nordeste	29	50	24	14
Sudeste	41	27	45	51
Sul	15	8	16	21
Centro-Oeste	8	6	8	9
Área				
Urbana	85	75	88	95
Rural	15	25	12	5
Nível educacional do chefe da família				
Fundamental incompleto e sem escolaridade	50	68	51	20
Fundamental completo	10	9	11	8
Ensino médio completo ou incompleto	28	21	31	33
Alguma educação superior	12	2	7	40

População em idade ativa				
Ocupados	58	44	61	68
Desempregados	5	9	4	2
Inativos	37	47	35	30
População ocupada				
Formalização				
Formal	54	26	56	71
Informal	46	74	44	29
Setor de atividades				
Agrícola	15	35	13	5
Indústria de transformação	14	9	16	14
Construção	8	10	9	5
Comércio e reparação	18	14	20	18
Alojamento e alimentação	4	4	4	3
Transporte, armazenagem e comunicação	5	3	5	5
Administração pública	5	2	4	10
Educação, saúde e serviços sociais	10	3	8	17
Serviços domésticos	8	12	9	2
Outras atividades	14	7	12	21

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Existem dois fatores completamente distintos que afetam o peso de cada grupo na classe média. O primeiro refere-se meramente ao tamanho do grupo em relação à população. Um grupo muito grande no Brasil provavelmente engloba também uma grande parcela da classe média. É o caso, por exemplo, da população que vive em área urbana, que corresponde a 85% do total da população brasileira em 2012. Essa elevada parcela resulta do fato de que a área urbana concentra a vasta maioria da população brasileira, englobando também a vasta maioria da classe média. Mais precisamente, em 2012, 88% do total da classe média vive em área urbana.

O segundo fator refere-se à proporção de pessoas dentro de cada grupo que estão na classe média (tabela 2), de maneira que normalmente existe maior ou menor associação entre o grupo e a classe média. Assim, dois grupos com o mesmo tamanho poderão contribuir mais ou menos à formação da classe média, a depender do número de pessoas que pertence à classe média dentro de cada um deles. Além disso, um grupo com menor peso na classe média que outro pode, na verdade, guardar mais relação com esta classe, uma vez que lhe fornece maior proporção de seus membros<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Por exemplo, um grupo pode representar 20% da classe média, mas ter somente 30% de seus membros nesta classe, enquanto outro pode representar 5% da classe média, mas ter 100% de seus membros nesta classe.

**Tabela 2: Tamanho da classe média nos diferentes grupos socioeconômicos, 2012**

Grupos socioeconômicos	Classe Baixa	Classe Média	Classe Alta
População total	28	53	20
<b>Cor</b>			
Branco e amarelos	18	53	29
Negros	36	53	12
<b>Região</b>			
Norte	37	49	13
Nordeste	47	43	9
Sudeste	18	58	24
Sul	15	57	28
Centro-Oeste	21	57	22
<b>Área</b>			
Urbana	24	54	22
Rural	48	45	7
<b>Nível educacional do chefe da família</b>			
Fundamental incompleto e sem escolaridade	38	54	8
Fundamental completo	26	59	15
Ensino médio completo ou incompleto	20	57	23
Alguma educação superior	5	32	63
População em idade ativa	24	54	21
Ocupados	18	57	25
Desempregados	44	46	10
Inativos	31	52	17
População ocupada	18	57	25
<b>Formalização</b>			
Formal	9	58	33
Informal	29	55	16
<b>Setor de atividades</b>			
Agrícola	43	49	8
Indústria de transformação	12	63	25
Construção	23	62	15
Comércio e reparação	14	62	24
Alojamento e alimentação	17	63	19
Transporte, armazenagem e comunicação	13	60	27
Administração pública	8	45	48
Educação, saúde e serviços sociais	6	48	46
Serviços domésticos	28	64	7
Outras atividades	19	52	29

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Consideramos que um grupo está sobrerrepresentado ou sub-representado se a proporção de pessoas dentro desse grupo que pertencem a tal média for maior ou menor que a proporção da classe média sobre o total da população. Um grupo estará equilibrado na classe média se a proporção de pessoas pertencentes à classe média nesse grupo corresponder à proporção de tal classe sobre o total da população.

Nesse sentido, criamos o indicador “grau de representatividade na classe média”<sup>7</sup>, que revela o quão sobre ou sub-representado na classe média está determinado grupo (tabela 3). Consideramos sobrerrepresentados os grupos com grau de representatividade superior a 105 e sub-representados os que tiverem grau inferior a 95. Quanto mais equilibrado o grupo estiver na classe média, mais perto de 100 estará o indicador. Por isso, consideramos em equilíbrio os grupos com grau de representatividade entre 95 e 105.

**Tabela 3: Os grupos socioeconômicos segundo seu grau de representatividade na classe média, 2012**

	Grau de representatividade na classe média	Cor	Região	Área	Nível educacional do chefe da família	Situação no mercado de trabalho	Formalização	Sector de atividades
Sub-representados	60 a 65				Educação superior			
	65 a 70							
	70 a 75							
	75 a 80							Administração Pública
	80 a 85		Nordeste			Desempregados		Educação e Saúde
	85 a 90			Rural				Agrícola
	90 a 95		Norte			Inativos		
Equilibrados	95 a 100	Branco					Informal	
	100 a 105	Negro		Urbana	Fundamental incompleto e sem escolaridade		Formal	
sobrerrepresentados	105 a 110		Sul, Sudeste e Centro-Oeste		Educação média	Ocupados		Comércio, Transporte
	110 a 115				Fundamental completo			Indústria, Alimentação e Serviços domésticos
	115 a 120							

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

É importante esclarecer que, se um grupo está sub-representado na classe média, ele necessariamente precisa estar sobrerrepresentado em alguma outra classe. Em outras palavras, um grupo pode estar sub-representado na classe média por estar sobrerrepresentado na classe alta ou na classe baixa.

Retomando o exemplo da área urbana, 54% da população que vive nessa área estão na classe média. Uma vez que a classe média corresponde a 53% da população brasileira, o grau de representatividade desse grupo é, portanto,  $(54\%/53\%) \times 100 = 102$ . Assim, embora a área urbana concentre boa parte da classe média (88%), não consideramos que esteja sobrerrepresentado nessa classe, mas, sim, equilibrado.

<sup>7</sup> O indicador é obtido por meio da razão entre a proporção de pessoas de um determinado grupo que pertencem à classe média e a proporção da classe média na população brasileira. Para facilitar a sua leitura, multiplicamos o resultado dessa razão por 100.

## A classe média nas regiões brasileiras

A classe média está mais concentrada nas regiões Sudeste, que detém 45% do total, e Nordeste, com 24%. No entanto, as razões para a maior presença dessas duas regiões na classe média diferem entre si. No caso do Nordeste, o elevado percentual deve-se somente à elevada proporção de brasileiros que vivem na região (29%), uma vez que a região está sub-representada na classe média (apenas 43% de seus membros a ela pertencem, resultando em grau de representatividade de 80). Já na região Sudeste, o resultado se deve não apenas à elevada proporção que esta região representa sobre o total do Brasil (41%), mas também ao fato de que ela se encontra sobrerrepresentada na classe média (58% de seus membros pertencem à classe média, resultando em grau de representatividade de 110).

Além da região Nordeste, a região Norte também está sub-representada na classe média. Já as regiões Sul e Centro-Oeste, da mesma forma que a região Sudeste, estão sobrerrepresentadas na classe média. A sobrerrepresentatividade das regiões mais desenvolvidas na classe média contribui para que essas regiões concentrem 70% do total de pessoas nesta classe.

Se não houvesse desigualdades regionais, todas as cinco regiões estariam em equilíbrio na classe média. No caso das regiões Nordeste e Norte, ambas estão sub-representadas, tal classe por estarem sobrerrepresentadas na classe baixa.

## Igualdade racial na classe média

Negros e brancos detêm aproximadamente a mesma proporção de pessoas na classe média (53% e 47% respectivamente). Além disso, tanto um grupo quanto o outro encontram-se em equilíbrio na classe média: 53% dos negros pertencem à classe média, bem como 53% dos brancos. Isso significa que no interior dessa classe já não há desigualdade racial! O equilíbrio na classe média, no entanto, não quer dizer que as desigualdades raciais foram superadas. Nas demais classes elas perduram: enquanto os negros estão fortemente sobrerrepresentados na classe baixa, os brancos estão sobrerrepresentados na classe alta.

## Classe média e educação

Os grupos que têm até a educação média representam mais de 90% da classe média. Contudo, enquanto os grupos relacionados aos níveis educacionais mais baixos (ensino fundamental incompleto e sem escolaridade) encontram-se em equilíbrio na classe média, os correspondentes aos níveis médio e fundamental completo estão sobrerrepresentados (59% das pessoas que têm ensino fundamental completo e 57% das pessoas com ensino médio estão na classe média). Já o grupo de pessoas com educação superior tem níveis de renda tão elevados que ele está sub-representado na classe média: 32% de seus membros pertencem a esta classe. Tais resultados revelam forte relação entre níveis médios de educação e a classe média.

## Classe média e mercado de trabalho

Trabalho e classe média têm se mostrado intimamente relacionados. De fato, 57% dos trabalhadores ocupados (formais e informais) estão na classe média. Quando se toma somente o universo dos trabalhadores formais, esse número sobe para 58%. Em outras palavras, mais de metade da classe trabalhadora brasileira, hoje, está na classe média!

A forte relação entre trabalho e classe média também se revela na medida em que, dentre as pessoas em idade ativa, as ocupadas se encontram sobrerrepresentadas na classe média, já as desempregadas e inativas permanecem sub-representadas. Com efeito, enquanto 58% da população em idade ativa estão ocupados, na classe média esse número sobe para 61%. No caso dos inativos, o oposto se verifica: enquanto representam 37% de toda a população em idade ativa, na classe média representam 35%.

Além disso, os trabalhadores formais encontram-se sobrerrepresentados na classe média, em contraposição aos informais, que estão sub-representados. Enquanto os formais representam 54% do total da população ocupada, na classe média, representam 56% dos ocupados. Ao passo que os trabalhadores informais representam 46% do total de ocupados, na classe média correspondem a 44% dos ocupados.

Os setores que têm maior presença na classe média são os da indústria da transformação, da construção civil, do comércio e da agricultura. A contribuição desses setores para a formação da classe média, contudo, é diferente. Por um lado, os três primeiros estão sobrerrepresentados na classe média; por outro, o último está sub-representado.

Encontra-se sobrerrepresentado na classe média, além daqueles já mencionados, o grupo formado pelos trabalhadores domésticos. Aliás, esse é o setor com maior sobrerrepresentação: 64% de seus membros pertencem à classe média. No entanto, como não constitui um grupo tão grande em relação ao Brasil (apenas 8% dos trabalhadores brasileiros estão no setor de serviços domésticos), sua participação para a formação da classe média acaba se limitando.

Por sua vez, encontram-se sub-representados na classe média, além dos trabalhadores da agricultura, os trabalhadores da administração pública e dos serviços de educação, saúde e sociais. Porém, essa sub-representação na classe média se dá por razões opostas: entre os trabalhadores da agricultura, por estarem sobrerrepresentados na classe baixa; e, entre os da administração pública, dos serviços de educação, saúde e serviço sociais, por estarem sobrerrepresentados na classe alta.



### 3 - Mecanismos de ascensão da classe média

## Ascensão da classe média

Como já visto anteriormente, ao longo da última década<sup>8</sup>, a renda do grupo que hoje compõe a classe média brasileira cresceu 3,5% ao ano, uma taxa bem acima da média nacional, de 2,4% ao ano. É inquestionável que o desenho de qualquer política pública que busque preservar os ganhos já alcançados ou dar continuidade ao processo de ascensão desse grupo precisa considerar os determinantes dessa mudança social. Em particular, o que fez a taxa de crescimento de renda ter ficado acima da média nacional.

### Os quatro determinantes imediatos são:

**Demografia:** o crescimento na renda da classe média, assim como de qualquer outro grupo, depende essencialmente de quatro fatores imediatos. Em primeiro lugar, a renda per capita cresce à medida que se reduz a razão de dependência demográfica das famílias, isto é, à medida que se reduz o número de crianças e aumenta o de adultos. No caso da classe média, a porcentagem de membros adultos subiu de 73% para 79% ao longo da última década. Fosse essa a única transformação ocorrida, a renda per capita teria crescido apenas 0,7% ao ano, indicando que esse fator contribuiu com menos de 20% do crescimento na renda da classe média.

**Transferências:** sem sombra de dúvida, a última década foi palco de grande expansão da cobertura das transferências públicas às famílias, o que certamente colaborou para o crescimento na renda da classe média. Trata-se do momento da criação do Programa Bolsa Família e da consolidação de outras transferências, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e a previdência rural. De fato, a renda não derivada do trabalho por adulto da atual classe média passou de R\$85 por mês para quase R\$134. Tivesse sido essa a única mudança na década, a renda familiar *per capita* da classe média teria aumentado 1,0% ao ano, indicando que cerca de 30% do seu crescimento decorreu da expansão das transferências governamentais. Assim, embora essa contribuição tenha sido importante para a ascensão da classe média, ela está longe de ser o fator preponderante.

**Acesso ao trabalho:** embora a renda não derivada do trabalho venha ganhando importância na composição da renda familiar, a renda do trabalho continua sendo a fonte primordial. De fato, mais de ¾ da renda das famílias que compõem a classe média ainda provê do trabalho. Desse modo, sua ascensão depende não apenas do número de adultos dispostos a trabalhar, mas também, e acima de tudo, da proporção que efetivamente se encontra ocupada. A porcentagem dos adultos na classe média que se encontravam ocupados (taxa de ocupação) cresceu ligeiramente, passando de 60% para 64%. Esse crescimento, mesmo que de maneira limitada, também contribuiu para a expansão da renda da classe média. Caso fosse a única mudança na década, a renda *per capita* da atual classe média teria crescido 0,4% ao ano; dessa forma, a expansão no acesso ao trabalho contribuiu com pouco mais de 10% do crescimento.

<sup>8</sup> Nesta seção, por limitações na disponibilidade de informações (a última PNAD disponível se refere ao ano de 2009), "última década" se refere ao período 1999-2009.

**Ganhos de produtividade:** a renda do trabalho tem dois determinantes imediatos: o acesso e a produtividade. Alta produtividade combinada com altas taxas de desemprego não gera renda do trabalho adequada para todos, da mesma forma que também não o faz a combinação entre baixas taxas de desemprego e baixa produtividade. Para promover aumentos na renda do trabalho, tão importante quanto o acesso ao trabalho é a expansão na produtividade do trabalho, medida, por exemplo, pela remuneração média dos trabalhadores ocupados. Na última década, a remuneração média dos trabalhadores ocupados que pertencem à atual classe média cresceu 1,7% ao ano. Caso essa tivesse sido a única mudança no período, a renda *per capita* de tal classe teria crescido 1,4% ao ano. Por conseguinte, ganhos de produtividade respondem, individualmente, por 40% do crescimento ocorrido na renda da classe média e são, assim, o determinante imediato mais importante para o aumento da renda da classe média brasileira.

## A importância relativa dos quatro determinantes imediatos da ascensão da classe média

Em resumo, vimos que o crescimento da renda da classe média tem quatro determinantes imediatos: (i) reduções na razão de dependência, (ii) aumento das transferências públicas, (iii) expansão do acesso ao trabalho e (iv) crescimento na produtividade do trabalho. Ao longo da última década, a renda *per capita* da classe média cresceu 3,5% ao ano. Cerca de 19% deste crescimento deveu-se a reduções na razão de dependência, quase 30% derivaram-se da expansão da cobertura e da maior generosidade das transferências públicas, 11% decorreram da expansão do acesso ao trabalho, e 40% resultaram de aumentos na produtividade do trabalho. Portanto, em conjunto, transformações nos fatores relacionados à inclusão produtiva (expansão no acesso ao trabalho e ganhos de produtividade) explicam a maior parte (mais de 51%) do crescimento na renda *per capita* da classe média. Portanto, pode-se dizer que a expansão da classe média resulta muito mais de um sólido processo de inclusão produtiva que de aumentos na cobertura e na generosidade de benefícios assistenciais.

**Tabela 1: Determinantes do crescimento da renda da atual classe média**

Indicador	1999	2009	Diferença (2009 - 1999)	Taxa anual de crescimento (em %)
Renda <i>per capita</i>	309	438	128	3,5
Porcentagem de adultos	73	79	6	0,8
Renda não derivada do trabalho por adulto	85	134	48	4,6
Porcentagem de adultos ocupados	60	64	3	0,5
Renda do trabalho por ocupado	558	660	103	1,7
Determinantes do crescimento da renda	Renda per capita resultante de variações nos fatores (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores para a diferença (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores (em %)	Contribuição adicional de cada fator (em %)
Nenhum	309	0	0	0
+ Porcentagem de adultos	334	25	19	19
+ Renda não derivada do trabalho por adulto	372	63	49	30
+ Porcentagem de adultos ocupados	386	77	60	11
+ Renda do trabalho por ocupado	438	128	100	40

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).  
Valores monetários expressos em reais de outubro de 2009.

## A importância relativa dos quatro determinantes imediatos do crescimento na renda da classe baixa e alta

Como o país passou por um processo de crescimento com redução no grau de desigualdade, a taxa de crescimento foi mais elevada na classe baixa (4,9% ao ano) e mais reduzida na classe alta (1,5% ao ano) do que foi na classe média (3,5% ao ano). O processo de crescimento nas três classes difere com relação não apenas a sua intensidade, mas também à natureza de seus determinantes imediatos. Na classe baixa, por exemplo, tiveram importância bem maior as transferências (35%) e os ganhos de produtividade (mais de 60%), enquanto a expansão no acesso ao trabalho e a redução na razão de dependência tiveram contribuições muito inferiores às alcançadas para explicar o crescimento na renda *per capita* das classes média e alta.

**Tabela 2: Determinantes do crescimento da renda da atual classe baixa**

Indicador	1999	2009	Diferença (2009 - 1999)	Taxa anual de crescimento (em %)
Renda <i>per capita</i>	76	124	47	4,9
Porcentagem de adultos	56	60	4	0,7
Renda não derivada do trabalho por adulto	27	55	27	7,2
Porcentagem de adultos ocupados	56	52	-4	-0,7
Renda do trabalho por ocupado	195	289	94	4,0
Determinantes do crescimento da renda	Renda per capita resultante de variações nos fatores (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores para a diferença (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores (em %)	Contribuição adicional de cada fator (em %)
Nenhum	76	0	0	0
+ Porcentagem de adultos	82	6	12	12
+ Renda não derivada do trabalho por adulto	98	22	47	35
+ Porcentagem de adultos ocupados	94	18	38	-9
+ Renda do trabalho por ocupado	124	47	100	62

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).  
Valores monetários expressos em reais de outubro de 2009.

**Tabela 3: Determinantes do crescimento da renda da atual classe alta**

Indicador	1999	2009	Diferença (2009 - 1999)	Taxa anual de crescimento (em %)
Renda <i>per capita</i>	1.600	1860	260	1,5
Porcentagem de adultos	82	88	6	0,7
Renda não derivada do trabalho por adulto	438	495	57	1,2
Porcentagem de adultos ocupados	66	70	4	0,6
Renda do trabalho por ocupado	2.292	2.317	25	0,1
Determinantes do crescimento da renda	Renda per capita resultante de variações nos fatores (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores para a diferença (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores (em %)	Contribuição adicional de cada fator (em %)
Nenhum	1.600	0	0	0
+ Porcentagem de adultos	1.713	114	44	44
+ Renda não derivada do trabalho por adulto	1.764	164	63	19
+ Porcentagem de adultos ocupados	1.845	245	94	31
+ Renda do trabalho por ocupado	1.860	260	100	6

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).  
Valores monetários expressos em reais de outubro de 2009.

## Por que a renda *per capita* da classe média é maior que a da classe baixa

A renda *per capita* da atual classe média é mais de 3,5 vezes o correspondente nível de renda da classe baixa. Embora os mesmos fatores imediatos que explicam o fantástico crescimento na renda *per capita* da classe média também sejam capazes de explicar esse hiato entre as rendas das classes média e baixa, a maior parte da explicação se deve a apenas um dos quatro fatores: a produtividade do trabalho. O fato de a produtividade dos trabalhadores na classe média ser mais que o dobro do valor correspondente a da classe baixa explica 60% da diferença de renda entre as duas classes. Após a diferença de produtividade, o segundo fator mais importante para explicar o hiato entre as rendas é a maior cobertura das transferências públicas na classe média. Caso o volume das transferências por adulto independesse da classe, o hiato de renda entre a classe média e a baixa seria quase 20% menor. Vale ressaltar que, em conjunto, os demais fatores (razão de dependência e acesso ao trabalho) contribuem para explicar apenas cerca de 20% do hiato. Em suma, a maior renda *per capita* da classe média em relação à classe baixa deve-se, na sua vasta maioria, a diferenças na produtividade do trabalho (60%) e no acesso e na magnitude das transferências (20%).

**Tabela 4: Determinantes do diferencial de renda entre a classe média e a classe baixa**

Indicador	Classe Baixa	Classe Média	Diferença (Média - Baixa)	Diferença (em %)
Renda per capita	124	438	314	254
Porcentagem de adultos	60	79	19	32
Renda não derivada do trabalho por adulto	55	134	79	144
Porcentagem de adultos ocupados	52	64	11	21
Renda do trabalho por ocupado	289	660	372	129
Determinantes do crescimento da renda	Renda per capita resultante de variações nos fatores (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores para a diferença (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores (em %)	Contribuição adicional de cada fator (em %)
Nenhum	124	0	0	0
+ Porcentagem de adultos	163	39	13	13
+ Renda não derivada do trabalho por adulto	225	102	32	20
+ Porcentagem de adultos ocupados	251	127	40	8
+ Renda do trabalho por ocupado	438	314	100	60

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Valores monetários expressos em reais de outubro de 2009.

## Por que a renda *per capita* da classe média é menor que a da classe alta

Em relação à renda *per capita* da atual classe média, a renda da classe alta é mais de quatro vezes superior. Como no hiato em relação à classe baixa, o principal fator determinante, neste caso, é o diferencial de produtividade, que justifica uma parcela ainda maior: 72%. Em segundo lugar, surge a maior renda não derivada do trabalho da classe alta, que explica 22% da maior renda *per capita* da classe alta. O hiato demográfico e o acesso ao trabalho significam, em conjunto, apenas 7% dessa diferença de renda.

**Tabela 5: Determinantes do diferencial de renda entre a classe média e a classe alta**

Indicador	Classe Média	Classe Alta	Diferença (Alta - Média)	Diferença (em %)
Renda per capita	438	1860	1422	325
Porcentagem de adultos	79	88	9	11
Renda não derivada do trabalho por adulto	134	495	362	271
Porcentagem de adultos ocupados	64	70	6	10
Renda do trabalho por ocupado	660	2317	1657	251
Determinantes do crescimento da renda	Renda per capita resultante de variações nos fatores (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores para a diferença (em R\$)	Contribuição acumulada dos fatores (em %)	Contribuição adicional de cada fator (em %)
Nenhum	438	0	0	0
+ Porcentagem de adultos	487	50	4	4
+ Renda não derivada do trabalho por adulto	806	369	26	22
+ Porcentagem de adultos ocupados	842	405	28	3
+ Renda do trabalho por ocupado	1860	1422	100	72

Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).  
Valores monetários expressos em reais de outubro de 2009.



## 4 - O comportamento da classe média

## O que quer a classe média?

O desenho e a operação de políticas públicas dirigidas à classe média e adequadas às suas necessidades requerem o conhecimento do que este grupo quer e precisa. Ao contrário da população pobre, que tem de dedicar grande parte de sua atenção à formulação de estratégias de sobrevivência, a classe média já dedica a sua à visualização do futuro, ao desenho de estratégias voltadas à preservação dos ganhos alcançados ou à continuidade de seu processo de ascensão. Assim, em relação à classe baixa, a classe média tem maior consciência do que precisa ou precisará no futuro próximo e tem interesse em formular e expressar suas demandas. Documentá-las é, portanto, fundamental para a formulação de políticas adequadas à classe média.

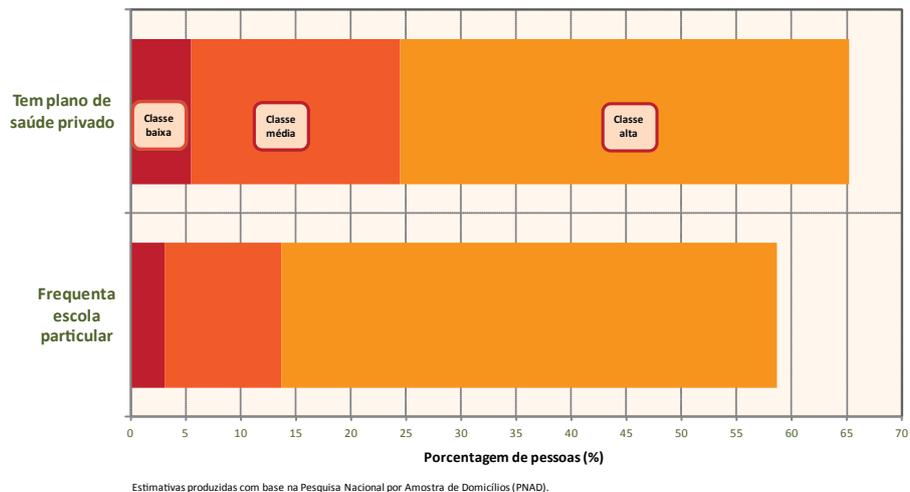
## Duas abordagens para identificar o que a classe média quer

Existem duas formas complementares de como a classe média expressa suas demandas: comportamento e opiniões. Por um lado, podemos identificar o que quer e do que precisa a classe média a partir da análise de seu comportamento: padrão de consumo (gastos com bens essenciais e supérfluos), perfil dos ativos que detém (se tem casa própria) e forma de inserção no mercado de trabalho. O difícil, nesse caso, é isolar as preferências desse grupo das restrições institucionais, orçamentárias e relacionadas ao ambiente econômico que impedem que determinados comportamentos, mesmo que desejáveis, sejam inviáveis e, portanto, não observados. Ainda assim, o que a classe média quer e do que ela precisa pode ser inferido diretamente do seu discurso, do que este grupo opina, do que diz. Nesse caso, a dificuldade é levar em consideração que o declarado desejado por uma pessoa nem sempre é idêntico ao que ela efetivamente deseja.

## Demanda por serviços privados

Quanto ao papel do Estado na oferta de serviços de saúde e educação, existe, pela ótica do comportamento, uma demanda crescente por serviços privados com o aumento no nível de renda. Assim, a classe média utiliza os serviços privados em maior intensidade que a classe baixa, porém, em menor intensidade em comparação à classe alta. De fato, a porcentagem de estudantes da classe média em instituições privadas (14%) é quatro vezes maior que a correspondente porcentagem na classe baixa (3%) e quatro vezes menor que a correspondente porcentagem na classe alta (59%). No caso da saúde, existe também utilização crescente de serviços privados pelas famílias com maior renda. Nesse caso, no entanto, o crescimento não é linear. Ao passo que a porcentagem de pessoas com plano de saúde particular na classe média (24%) é 4,5 vezes a correspondente porcentagem na classe baixa (5%), na classe alta essa porcentagem (65%) é apenas 2,7 vezes a correspondente porcentagem na classe média. No caso da saúde, a classe média se assemelha muito mais à classe alta do que à classe baixa.

Gráfico 1: Utilização de serviços privados por classe de renda, 2008 e 2009



## Preferência ou disponibilidade de recursos

Existem quatro razões capazes de explicar a maior utilização de serviços privados de saúde e educação pela classe média em relação à classe baixa. A maior utilização resulta: *i)* de maior disponibilidade de recursos da classe média; ou *ii)* de maior apreço desta classe pela maior qualidade oferecida pelos serviços privados; ou *iii)* da maior inadequação dos serviços oferecidos às necessidades dos mais pobres; ou *iv)* de alguma forma de acesso compulsório graças, por exemplo, à maior incidência de trabalho formal na classe média e à maior tendência das empresas de oferecerem planos de saúde coletivos. É de se esperar que todos esses quatro fatores colaborem, embora não seja possível, com base na informação disponível, isolar a magnitude da contribuição de cada um deles.

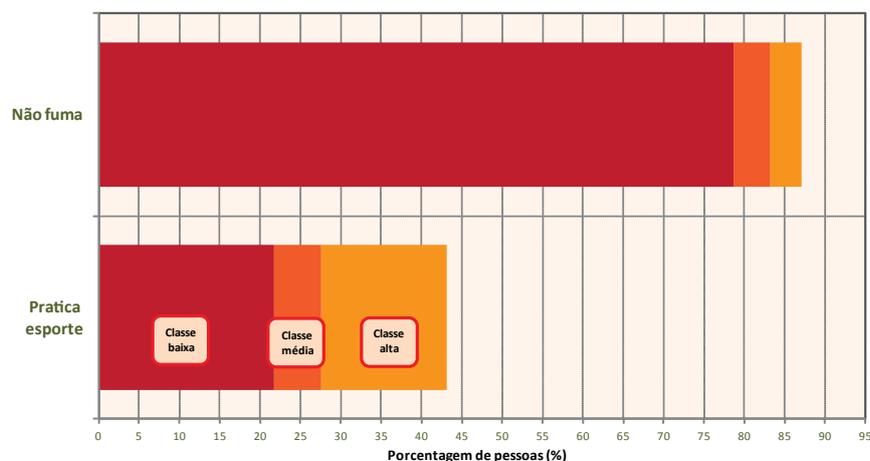
## Formalização e similaridade da cobertura dos planos de saúde nas classes média e alta

No caso da cobertura dos planos de saúde, talvez a semelhança entre as classes média e alta deva-se menos a preferência e orçamento similares, e mais a certa dose de acesso automático. Uma vez que planos de saúde privados são oferecidos por boa parte das empresas formais a todos os seus trabalhadores, sejam eles membros da classe média ou da alta, a incidência de empregados formais na classe média já é similar à correspondente incidência na classe alta.

## Saúde preventiva e renda

Existe sólida evidência científica de que algumas práticas e comportamentos promovem a saúde. A prática sistemática de exercícios físicos e esportes e o desestímulo ao tabagismo são exemplos clássicos. As informações disponíveis revelam que esses comportamentos são mais comuns entre os membros da classe média que entre a classe baixa, e menos comuns na classe média que na classe alta. No caso do tabagismo, a situação da classe média é balanceadamente intermediária entre a das classes baixa e alta; no caso da prática de exercícios e de esportes, a situação da classe média é muito pior que a da classe alta, assemelhando-se muito à da classe baixa.

**Gráfico 2: Atitudes relacionadas à saúde preventiva por classe de renda, 2008**

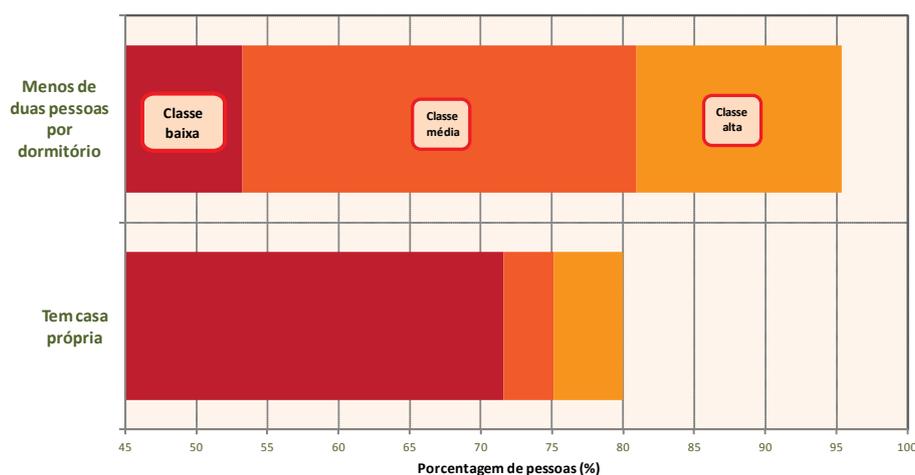


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

### Acesso à casa própria ou busca por uma casa melhor?

Em princípio, poder-se-ia esperar que a casa própria fosse uma meta inatingível para a maioria da classe baixa e uma conquista típica da classe média. A evidência disponível, entretanto, não dá suporte a essa afirmação. De fato, a diferença no acesso à casa própria entre a classe baixa (72%) e a média (75%) é limitada da mesma maneira como o é entre a classe média e a classe alta (80%). Existem, no entanto, diferenças marcantes entre as três classes na busca por melhores condições habitacionais. Enquanto apenas 53% da classe baixa vive em domicílios com no máximo duas pessoas por dormitório, essa porcentagem na classe média é de 81% e, na alta, de 95%. Em suma, talvez ao contrário do senso comum, a principal diferença entre as classes de renda não se deve ao acesso à casa própria, mas ao espaço disponível e, possivelmente, à qualidade da construção.

**Gráfico 3: Condições habitacionais por classe de renda, 2009**

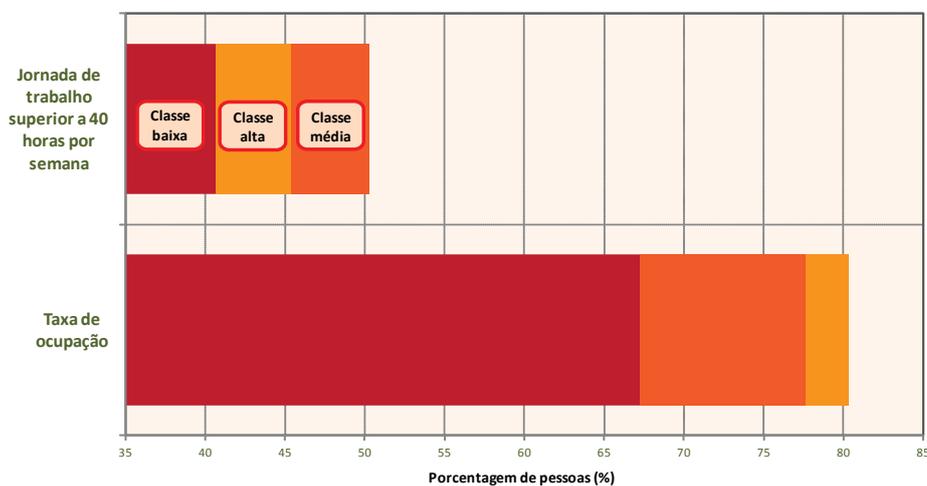


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

## Trabalho e classe média

Como o trabalho responde por  $\frac{3}{4}$  da renda das famílias brasileiras, muito da ascensão social se dá via maior acesso ao trabalho. Ter acesso a um bom emprego e trabalhar mais horas por semana muitas vezes se tornam sinônimo de maior renda e acesso à classe média. Não chega, portanto, a ser surpreendente que a taxa de ocupação (porcentagem da população em idade ativa que trabalha) e a jornada de trabalho sejam maiores entre os trabalhadores na classe média que na classe baixa. Surpreendente, talvez, seja a magnitude das diferenças. Enquanto na classe baixa 67% da população em idade ativa trabalha, na classe média essa porcentagem é de 78%, não muito distinta dos 80% na classe alta. É com relação à jornada de trabalho que a estreita relação entre classe média e trabalho mais se manifesta. Nesse caso, a situação da classe média é superior tanto à da classe baixa quanto à da classe alta. De fato, enquanto 50% dos ocupados na classe média trabalham mais de 40 horas por semana, nas classes baixa e alta as porcentagens correspondentes são de apenas 41% e 45%.

**Gráfico 4: Atitudes relacionadas ao trabalho por classe de renda, 2009**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).



## 5 - A opinião da classe média

## Protagonismo, visão de futuro e ascensão da classe média

A ascensão à classe média e a sustentabilidade desse processo dependem tanto da contínua disponibilidade de novas e melhores oportunidades quanto do interesse, da visão, do esforço e da dedicação desse grupo emergente em aproveitar essas oportunidades. O progresso social é forjado pela combinação de oportunidades e protagonismo.

## Protagonismo de pais e alunos e desempenho educacional

O desempenho educacional não resulta apenas da qualidade da escola e do esforço e talento dos professores. De fato, o desempenho educacional depende da ação de diversos atores, destacadamente do esforço e talento de alunos e pais. Coordenar e incentivar a plena participação de todos os agentes envolvidos na promoção de um melhor desempenho sempre foi um dos maiores desafios enfrentados pela escola.

## Importância do protagonismo dos pais para o desempenho educacional segundo a classe média

Existe unanimidade de pensamento quanto à importância da participação dos pais sobre o desempenho escolar de seus filhos. Mais de 80% dos membros de todas as três classes (baixa, média e alta) concordam totalmente que a participação dos pais é muito importante. Portanto, dada a sua reconhecida importância, este fator contribuirá para o fraco desempenho da escola pública apenas se os pais não participarem das atividades escolares de seus filhos na intensidade adequada. Nesse aspecto, a opinião das três classes difere. Quanto maior a renda, maior a tendência de as famílias acreditarem que os pais de filhos matriculados na escola pública não estão participando na intensidade necessária. Os membros da classe média acreditam muito mais do que os membros da classe baixa que a falta de participação dos pais é fator importante para o fraco desempenho da escola pública brasileira. A classe alta, por sua vez, acredita ainda mais do que a classe média na importância de se ampliar a participação da família na escola.

**Gráfico 1: Porcentagem das pessoas que concordam totalmente que a participação dos pais é muito importante para o desempenho escolar dos alunos**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

**Gráfico 2: Porcentagem das pessoas que concordam totalmente que um dos problemas da escola pública é a baixa participação dos pais na escola**

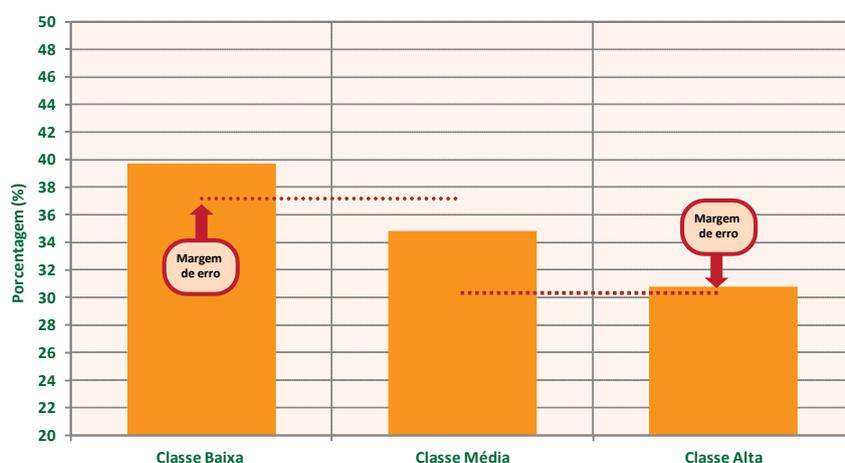


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

### Importância do protagonismo dos alunos para o desempenho educacional segundo a classe média

Pais e professores exemplares não garantem o aprendizado dos alunos. Ele também depende das atitudes e do esforço dos alunos. Para aprender e se desenvolver, os alunos precisam frequentar as aulas, prestar atenção, interagir com os professores e colegas. Embora seguramente muito do interesse e da motivação dos alunos resulte de estímulos e orientações dos pais e professores, continua sendo verdade que filhos dos mesmos pais, estudando com os mesmos professores, têm desempenhos escolares distintos. Assim, ainda que seja missão da escola e das famílias garantir educação para todos, alguns alunos, por esforço próprio, acabam se beneficiando mais do que outros. A importância do aluno para o desempenho escolar, bem como a sua responsabilização, é tema sempre controverso. As opiniões das três classes também são distintas. A classe média, ao contrário da classe baixa, não acredita que o mau desempenho escolar seja responsabilidade do aluno. Neste aspecto, a opinião da classe média é muito similar à da classe alta.

**Gráfico 3: Porcentagem das pessoas que concordam totalmente que o mau desempenho na escola é responsabilidade dos próprios alunos**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

## Visão de futuro e ascensão da classe média

Toda forma de desenvolvimento é necessariamente impulsionada pela imaginação (visões de futuro) e consolidada por realizações. A sustentabilidade do processo de desenvolvimento depende da capacidade tanto de imaginar cenários futuros quanto de torná-los realidade. Nesse ponto, as opiniões diferem por classe de renda. Existe clara tendência de a classe média ser bem menos imediatista que a classe baixa. Com relação à classe alta, a classe média ora se mostra significativamente mais imediatista, ora as diferenças não são significativas. Duas evidências corroboram essas afirmações: *i)* poupança e endividamento e *ii)* preservação do meio ambiente.

## Gestão financeira, visão de futuro e classe média

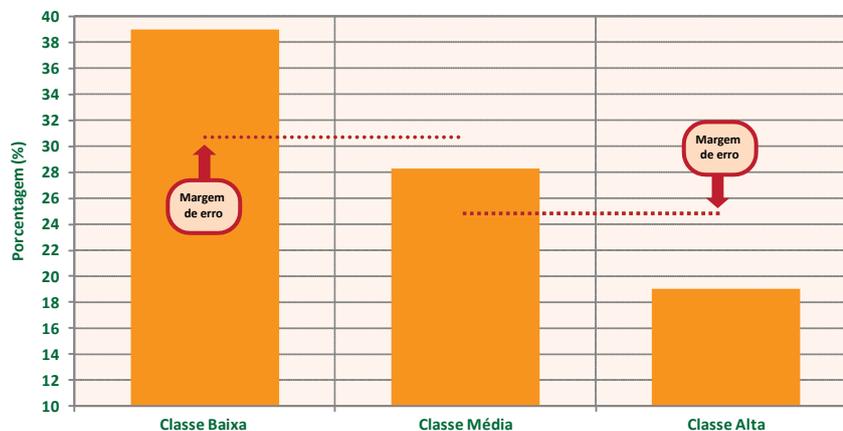
No caso das atitudes quanto à poupança e ao endividamento, existem grandes diferenças entre as classes de renda. A classe média tende a assumir posição nitidamente intermediária, tendo uma gestão financeira mais criteriosa (maior tendência a poupar e maior cuidado ao assumir dívidas) que a da classe baixa; porém, mais vulnerável que a da classe alta, evidencia menor propensão a poupar e maior dificuldade em pagar empréstimos contraídos.

**Gráfico 4: Porcentagem das pessoas que guardam ou fazem alguma reserva de dinheiro**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Inclusão Financeira (Junho de 2012)

**Gráfico 5: Porcentagem das pessoas que, considerando a sua renda atual, acham difícil ou muito difícil realizar o pagamento dos(s) empréstimo(s), financiamento(s) ou parcelamento(s)**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Inclusão Financeira (Junho de 2012)

## Visão de futuro, preservação ambiental e classe média

Embora os problemas globais sejam, em geral, o resultado de ações (ou falta de ações) locais, permanece válido organizar a preocupação com a preservação ambiental em questões locais e globais. Questões locais seriam o tratamento da água, do esgotamento sanitário e dos resíduos sólidos; questões globais seriam clima (aquecimento global), desmatamento, poluição do ar, biodiversidade e substâncias geneticamente modificadas. Na questão ambiental, externalidades são a regra e não a exceção. Sem que a maioria resolva seus problemas locais, não existirá solução para problemas globais. Assim, é justificável que grupos que já tenham equacionado seus problemas mais locais (classes média e alta) relacionados ao tratamento da água, ao esgotamento sanitário e aos resíduos sólidos estejam mais interessados em se preocupar com problemas globais e, então, com as ações dos outros (classe baixa). A evidência disponível colabora com essa conjectura. Quando abordados sobre quais as questões ambientais mais importantes, a classe baixa foca nas questões locais, enquanto as classes média e alta dão prioridade às questões mais globais, com diferenças estatisticamente não significativas entre as duas classes. Dessa forma, confirma-se que a classe média, ao contrário da classe baixa, encontra o tempo, a motivação e o interesse em identificar preocupações e metas de longo prazo e formular visões e estratégias para superá-las e alcançá-las. Na sua dimensão ambiental, as visões de futuro das classes média e alta não diferem de forma estatisticamente significativa.

**Gráfico 6: Porcentagem das pessoas que consideram que as questões mais importantes para o meio ambiente no Brasil não estão relacionadas a problemas locais, tais como tratamento de água, esgoto e lixo**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Meio Ambiente (Dezembro de 2010)

## Valor do conhecimento e classe média

Todas as teorias e toda a evidência empírica sobre os determinantes do crescimento econômico, da inovação ou do desenvolvimento em geral são unânimes em apontar o conhecimento e a educação, em particular, como elementos centrais. Apesar disso, nem todos os segmentos sociais têm igual opinião sobre a indispensabilidade da educação para si e para o país. As opiniões diferem entre classes de renda. Em parte, em decorrência de diferenças no acesso à informação que têm sobre o valor do conhecimento; em outra parte, em razão de diferenças na experiência e vivência pessoais que têm com o uso e valor do conhecimento; e, finalmente, porque, dada sua inserção produtiva e social, corretamente percebem valores diferentes para a educação e o conhecimento.

## Conhecimento para o desenvolvimento

Provavelmente por ter maior acesso à informação científica, a classe média percebe que educação e o conhecimento têm mais importância para o desenvolvimento do que a classe baixa. A importância que dá a educação para o desenvolvimento do país permanece, entretanto, aquém do atribuído pela classe alta.

**Gráfico 7: Porcentagem das pessoas que concordam totalmente que a baixa qualidade do ensino vai prejudicar o desenvolvimento do país**

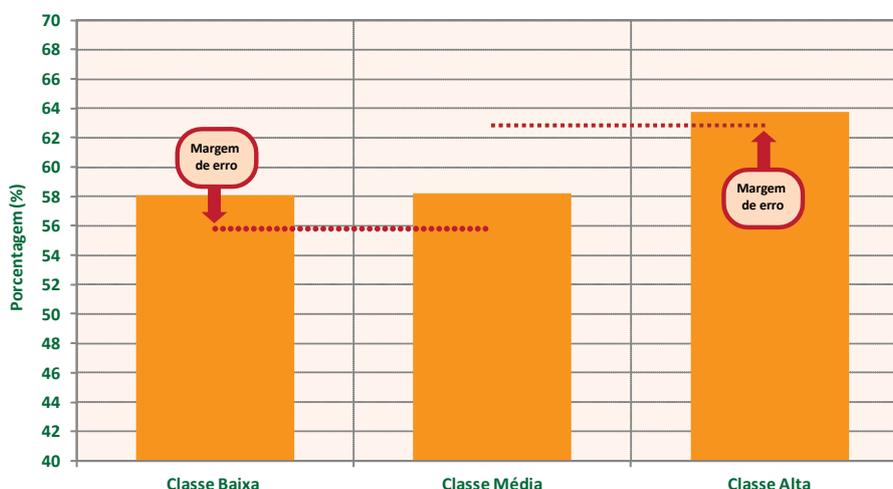


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

## A classe média percebe menor retorno privado dos investimentos em educação que o percebido pela classe alta

Provavelmente devido a sua histórica experiência no mercado de trabalho e à evolução de sua inserção produtiva e social, a atual classe média brasileira ainda considera que a educação e o conhecimento têm menos importância como instrumentos para sua própria ascensão social do que a classe alta. De fato, apesar do enorme esforço e dos investimentos que a classe média vem dedicando à educação de suas crianças e adolescentes, esta classe ainda percebe as vantagens pessoais do esforço e dos investimentos bem aquém daquelas percebidas pela classe alta. Por um lado, essa percepção mais limitada dos ganhos privados da educação por parte da classe média pode ser não justificada e resultar de alguma dose de desinformação; por outro, pode ser inteiramente justificável e revelar uma correta percepção da classe média de que a sociedade brasileira permanece distante da meritocracia. Ao perceber ganhos privados associados à educação mais limitados que os percebidos pela classe alta, a classe média pode estar informando que conexões sociais na sociedade brasileira ainda permanecem necessárias para que os ganhos dos investimentos em educação se integrem. Estudar medicina ou advocacia pode continuar tendo mais valor para filhos de médicos ou advogados do que para filhos de pais com baixa escolaridade.

**Gráfico 8: Percentagem das pessoas que concordam totalmente que a renda de uma pessoa será maior quanto mais anos de educação ela tiver**

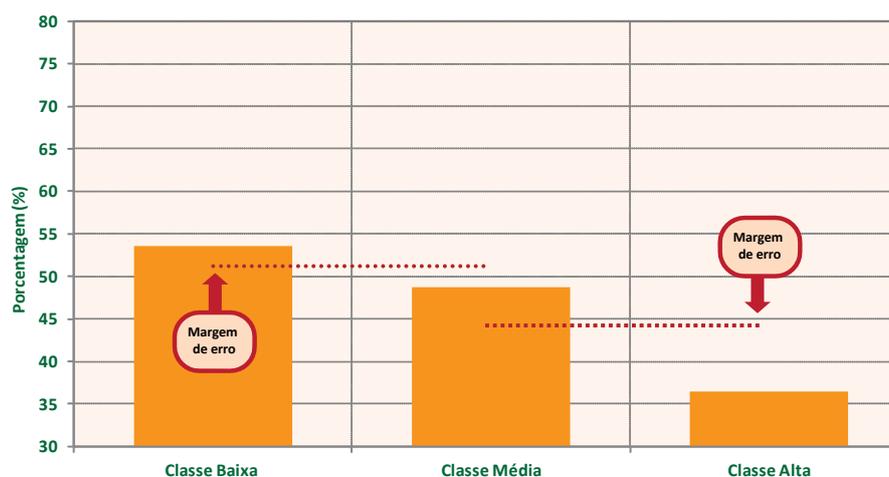


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

### Opinião da classe média sobre a qualidade das escolas públicas

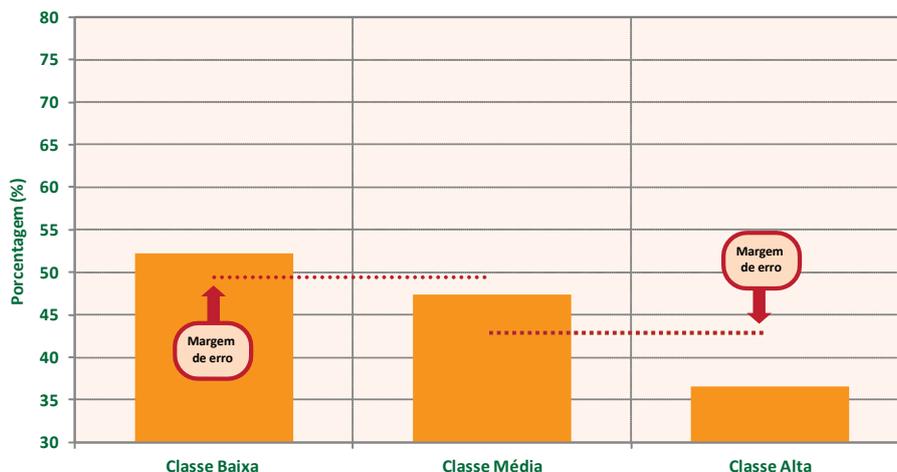
Em função da maior disponibilidade de recursos, a classe média tem optado por utilizar escolas públicas com menor frequência que a classe baixa. Talvez por esse motivo, a classe média tende a ser mais exigente acerca da qualidade dos serviços oferecidos por essas escolas. A classe alta, por sua vez, utiliza em menor extensão essas escolas e tende a ser ainda mais crítica sobre a qualidade dos serviços públicos. A pior avaliação das escolas públicas pelas classes média e alta em relação à avaliação realizada pela classe baixa vale tanto para o ensino fundamental quanto para o médio.

**Gráfico 9: Percentagem das pessoas que avaliam que a qualidade do ensino fundamental das escolas públicas é bom ou ótimo**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

**Gráfico 10: Porcentagem das pessoas que avaliam que a qualidade do ensino médio das escolas públicas é bom ou ótimo**

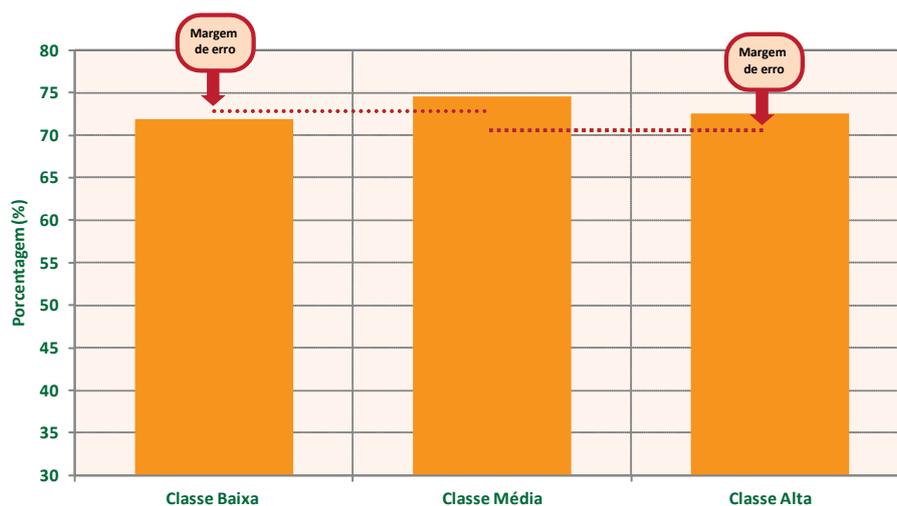


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

## Opinião da classe média sobre a qualidade das escolas privadas

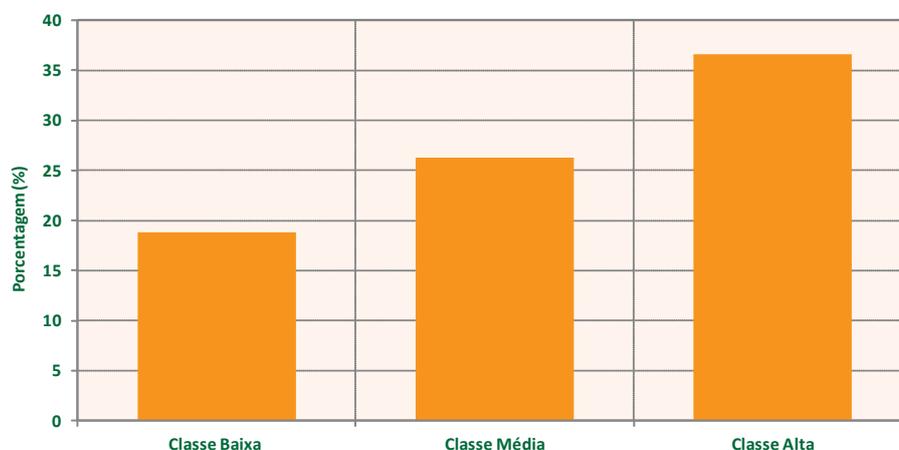
No caso da avaliação da qualidade das escolas privadas, não existe diferença de opinião entre classes. Todas avaliam a qualidade da educação privada como bastante elevada. Dadas as divergências sobre a qualidade da educação em escolas públicas, a classe média percebe uma diferença de qualidade entre as escolas particulares e públicas muito maior do que a classe baixa. A classe alta, por sua vez, percebe uma diferença de qualidade ainda maior entre os dois sistemas.

**Gráfico 11: Porcentagem das pessoas que avaliam que a qualidade do ensino fundamental das escolas privadas é bom ou ótimo**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

**Gráfico 12: Diferencial entre a porcentagem das pessoas que avaliam que a qualidade do ensino fundamental das escolas privadas é bom ou ótimo e a correspondente porcentagem para as escolas públicas**

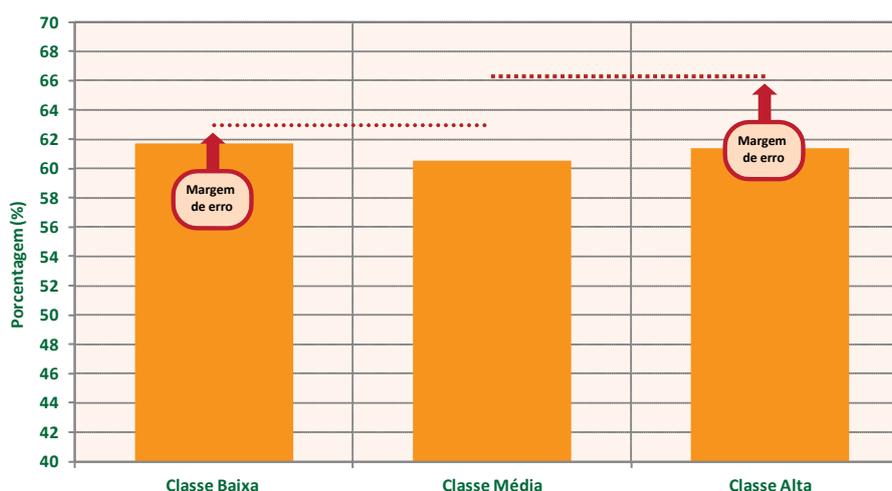


Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Educação (Agosto de 2010)

### Opinião da classe média sobre o diferencial de qualidade entre hospitais públicos e privados

A percepção diferenciada das classes de renda quanto ao hiato de qualidade entre os serviços educacionais públicos e privados é contrastada de forma acentuada na avaliação da saúde. Nesse caso, não existem diferenças de opinião entre classes de renda quanto ao hiato de qualidade entre hospitais públicos e privados. Em todas as classes de renda, cerca de 60% da população concorda que os hospitais privados são melhores que os públicos.

**Gráfico 13: Porcentagem das pessoas que concordam totalmente que os hospitais privados são melhores que os hospitais públicos**



Fonte: Estimativas produzidas com base na Pesquisa CNI-IBOPE: Retratos da Sociedade Brasileira - Saúde Pública (Janeiro de 2012)

### Classe média: novas demandas de um novo Brasil

#### Colaborador permanente

**Renato Meirelles**, pesquisador. É sócio diretor do Data Popular, instituto de pesquisa pioneiro no estudo do Brasil emergente.

Hoje falar que o Brasil mudou virou lugar-comum. Na última década, por meio das pesquisas do Data Popular, eu e minha equipe temos acompanhado de perto a transformação da classe C na nova (e verdadeira) classe média brasileira. No início desacreditada, quase invisível no radar corporativo e pouco estudada no âmbito das políticas públicas, a classe média deixou de ser vista como um segmento de mercado ou um limbo entre os pobres (alvo das políticas públicas) e a elite (até então vista como “formadora de opinião”) e passou a ser protagonista de um novo Brasil, seja pelo seu peso na população (100 milhões de pessoas), seja pelo seu peso econômico – já que movimenta aproximadamente R\$1 trilhão por ano. Portanto, entender o coração, a mente e o bolso desses brasileiros é uma imposição de quem quer atender bem o setor que mais cresce no Brasil.

Em nossos artigos bimestrais neste caderno, mais do que números, queremos falar de gente. A classe média cresceu muito nos últimos anos, mas quem tem mais de trinta anos certamente lembra como era quando o Brasil apresentava 80% de inflação ao mês. Tínhamos um brasileiro que era otimista por fé. Com o gatilho da hiperinflação no cangote, o salário era gasto assim que entrava na carteira do trabalhador. Sem tempo para comparar preços ou construir perspectivas de futuro, vivia o aqui e o agora. Contentava-se com qualquer produto de segunda oferecido por empresas que, na grande maioria dos casos, ignoravam a existência desse consumidor. Na política pública não era diferente. O cidadão julgava que política pública era favor e se contentava com qualquer cesta básica ou dentadura.

No novo Brasil as coisas mudaram. O aumento da renda e do emprego formal, a consequente expansão do crédito, o aumento da escolaridade e a democratização da informação por meio da internet e da TV por assinatura deram à classe média liberdade de escolha. E liberdade de escolha é poder.

Exigente, prefere pagar um pouco mais por marcas que têm qualidade testada e aprovada. Os sonhos de consumo se transformaram em metas, em uma perspectiva real de conquista. A classe média se mobiliza pela lei da ficha limpa e exige dos governantes qualidade dos serviços públicos, universidade e plano nacional de banda larga.

Aprendemos, nesses últimos anos, que o tradicional e elitista conceito de aspiração passa longe desse novo brasileiro. Um cidadão com orgulho de suas raízes, ele tem como referência pessoas que, como ele, venceram na vida por mérito próprio. A aspiração está muito mais próxima à ideia de um vizinho que deu certo do que a de um “salvador da pátria”. No universo do consumo ou nas discussões cotidianas sobre o bairro onde vive, a classe média brasileira passou a chamar para si a responsabilidade sobre a própria vida.

O que ela quer é transformar seus antigos sonhos em metas concretizáveis. Além de eletrônicos como TV, celulares, computador, ela se permitiu trocar o ônibus lotado por uma motocicleta ou pelo seu primeiro carro popular, fazer sua primeira viagem de avião e ingressar em uma universidade. E isso tudo é só o começo!

Os emergentes são os mais otimistas se comparados com o restante da população. São os que mais acreditam que a vida melhorará nos próximos anos. Já constatamos que, em relação aos pessimistas, eles são os mais empreendedores, os que mais pesquisam preços e os que mais acreditam na educação como alavanca para a ascensão social. Na prática, isso significa que a manutenção do otimismo dos brasileiros é fundamental para que o Brasil continue crescendo.

A evolução da classe média do ponto de vista econômico ocorreu mais rapidamente do que nos níveis educacionais. Nossas pesquisas apontam para um cidadão que, ao aumentar de renda, mantém valores de sua classe de origem, mas também incorpora hábitos e atitudes da nova classe. Entender como pensa uma classe média, que antropofagicamente devolve de forma ímpar tudo o que aprende, é o primeiro passo para vencer a barreira cognitiva muitas vezes presente na elaboração de estratégias de negócio ou na formulação de políticas públicas, em geral formuladas por pessoas que têm a elite como origem. Esse cidadão é protagonista. Não aceita, portanto, ser coadjuvante de suas escolhas. Para facilitar o entendimento deste público, recortei três segmentos que de forma mais direta impulsionaram o crescimento da classe média.

**A mulher** – Pense em uma mulher, na faixa dos trinta anos, com curso superior, usuária habitual da internet. Essa mulher, que assumiu o posto de chefe de família, divide seu tempo entre emprego e lar, responde por boa parte da renda familiar e determina a distribuição de quase todo o orçamento doméstico. Com mais escolaridade que o homem, contribui cada vez mais para a renda, ganha dia após dia mais poder social.

Conquistando espaço no mercado de trabalho, antes inimaginável, ela rompe novas fronteiras em seus hábitos de consumo. Roupas e produtos de maquiagem, antes tidos como compras supérfluas, hoje são considerados investimento para essa jovem mulher que, na classe média, passa a ter profissões mais vinculadas ao atendimento ao público. Almejando novos empregos e estabilidade na carreira, ela se preocupa cada vez mais com sua aparência e não se importa em gastar com isto, pois os benefícios vão além da valorização da sua autoestima e garantem o sustento da família e sua evolução profissional. Na outra ponta, ao observarmos as mulheres mais velhas, enxergamos que profissões como a de empregada doméstica alcançaram ganhos reais de salários, uma vez que suas filhas procuram outras perspectivas profissionais. Em outras palavras, as mais jovens estudam, têm emprego formal e constroem um plano de carreira. As mais velhas ganham mais pelo mesmo trabalho que há anos responde por sua renda.

**O jovem** – Com níveis de escolaridade mais elevados que os atingidos por seus pais, os jovens são agora os verdadeiros formadores de opinião da classe média brasileira. Foram eles os agentes que abriram as portas tecnológicas para familiares, amigos e vizinhança. Celulares, computadores, internet, hoje fazem parte da realidade da família graças a esses jovens. Mesmo a compra de uma nova geladeira para a cozinha, por exemplo, não é efetuada sem antes passar por eles, responsáveis por fazer pesquisas virtuais para que sejam verificadas as melhores condições de pagamento, evitando que a mãe tenha de bater perna durante horas. São esses jovens que acompanham seus pais na hora de buscar algum direito, seja na iniciativa privada, seja no poder público. Essa conexão entre os interesses domésticos e o mercado é uma das razões que faz que esses jovens sejam tão valorizados pela família da atualidade. Uma perspectiva bastante evidente é a de que esses jovens emergentes, conectados pelas redes sociais serão elementos-chave na discussão sobre governo eletrônico, qualidade de ensino ou, ainda, modelos de democracia participativa.

**O negro** – É praticamente impossível falar da população emergente sem citar a importância do negro. Foram os brasileiros dessa raça os responsáveis pela maioria absoluta dos cidadãos que subiram de classe social. Os negros da classe média têm orgulho de sua cor; exigem, portanto, uma comunicação que dialogue com sua etnia e um Estado que seja parceiro da melhora da sua qualidade de vida.

Por fim, diferentemente das estratégias de combate à pobreza que têm como princípio dizer para o cidadão o que precisa ser feito para melhorar de vida e em troca disso oferecer benefícios, o amparo do Estado à classe média passa antes de tudo por saber ouvir tanto quanto saber falar. Mais do que política social, o fortalecimento da classe média é uma questão de política econômica.

### A orkutização do cotidiano brasileiro

#### Colaboradores desta edição

**Hermano Vianna** é antropólogo, autor dos livros *O Mundo Funk Carioca* e *O Mistério do Samba* e de programas para televisão como *Brasil Legal*, *Esquenta!* e *Central da Periferia*.

**José Marcelo Zacchi** é pesquisador associado do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS). Foi diretor do Instituto Pereira Passos (IPP) e da Prefeitura do Rio de Janeiro, além de fundador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, do site Overmundo e do Instituto Sou da Paz.

**Alê Youssef** é sócio fundador do Studio SP e do Studio RJ, um dos criadores do site Overmundo, sócio do Instituto Democracia e Sustentabilidade (IDS) e colunista político da revista *Trip*. Foi coordenador de Juventude da Prefeitura de São Paulo (2001-2004).

**Ronaldo Lemos** é diretor do Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Foi professor visitante da Universidade de Princeton e é professor da Escola de Direito da FGV no Rio de Janeiro

“Orkutização” é palavra bem brasileira. Não temos conhecimento de expressão ou conceito semelhante em outros países e idiomas. O aparecimento do termo em nossa linguagem – derivado de nome próprio do engenheiro turco que criou a rede social do Google – é certamente herança renovada da “antropofagia cultural” que caracteriza muitas de nossas práticas sociais. A novidade da orkutização está na velocidade e na voracidade com que a população brasileira se apropriou de uma ferramenta tecnológica, tornando-se vanguarda em redes sociais cibernéticas, antes que elas se popularizassem no mundo “desenvolvido”.

Contudo, o verbo “orkutizar” tem forte carga pejorativa. Quando as pessoas dizem que alguma coisa foi orkutizada, geralmente condenam o que ali aconteceu. O Orkut, lançado em 2004, teve como população pioneira parte de uma elite intelectual mundial. Em menos de um ano nos tornamos o país com maior número de perfis. O que ocorreu em seguida foi surpresa: as características socioeconômicas de seus usuários brasileiros foram se modificando: ricos-brancos-com-diplomas-universitários perderam a maioria; o espaço foi “invadido” por gente mais pobre, mais negra, de baixa escolaridade. O termo orkutização reclamava da mudança. Os “pioneiros” lamentavam a perda do “ar exclusivo” daquele ciberespaço. No entanto, já era fato consumado: os pobres estavam ali para ficar.

A orkutização do próprio Orkut pode servir de metáfora para um fenômeno mais geral: ao mesmo tempo, o Brasil também se orkutizou, com pessoas das classes baixas ocupando espaços ou tendo comportamentos que antes pareciam reservados às elites – dos aeroportos aos shopping centers, das universidades ao horário nobre, do imaginário publicitário à agenda pública. Sim, tudo refletia o momento único de redução da pobreza e da desigualdade vivenciado pelo país nesse período. Isso possibilitou muitas novidades em várias áreas da vida social. Diante da invasão das redes sociais, muita gente nem sabia, por exemplo, que fatias crescentes das classes baixas brasileiras já tinham acesso a computadores, celulares e internet. Mais importante: é ainda desconcertante para muitos constatar que os invasores de espaços “alheios” – que não foram criados para esse público “alvo” – não aparecem ali apenas

como consumidores acanhados, mas como produtores orgulhosos de bens materiais ou imateriais e dos circuitos/mercados para consumi-los e produzi-los.

A força renovadora da “nova classe média” brasileira vai, assim, muito além da sua emergência econômica. Revela desde o primeiro momento seu vigor simbólico, criador. Afirma sua origem e trajetória, atualizando as faces do Brasil interna e externamente. E antecipa, pelas vias da cultura e da comunicação, seu protagonismo político na grande narrativa dos destinos do país.

Neste país orkutizado, já não será viável que políticas públicas e estratégias de mercado formulem qualquer projeto sem levar em consideração públicos que não se contentam mais com apenas recepção ou consumo passivos das ideias que chegam de fora, ou de cima.

Para continuar com o exemplo das mídias digitais: no início de 2004 não havia política pública consistente para proporcionar aos “menos favorecidos” acesso a bens como computador e banda larga. Talvez nem se considerasse que era um serviço de necessidade tão básica para aquela população. Os antes excluídos foram à luta, enfrentando obstáculos de infraestrutura e da informalidade, e inventaram uma rede de lan-houses que rapidamente interligou as periferias brasileiras. O poder público, no lugar de incentivar esse empreendedorismo popular original, criou legislações proibitivas para o funcionamento de muitos desses estabelecimentos, que com isso foram condenados a continuar informais, mesmo tendo evidente utilidade pública. Hoje, com a chegada dos computadores à casa de número cada vez maior de pessoas, essa realidade se reconfigura mais uma vez – e novamente não está clara a capacidade do poder público de acompanhar o ritmo da inovação nas classes populares emergidas para a autonomia pelo uso sem mediações de democracia e tecnologia.

O povo brasileiro continua invadindo todas as novas redes sociais. Somos a segunda maior população mundial no Facebook e no Twitter. Navegando por essas redes é fácil perceber que seus frequentadores brasileiros incluem pessoas de todas as classes sociais, produzindo todo tipo de conteúdo, opinando sobre os assuntos mais variados, divulgando muitas vezes produções culturais locais, que não encontram espaço na mídia tradicional. Um exemplo disso é o novo momento vivido pela música popular brasileira. Todos os movimentos recentes (tecnobrega paraense, funk carioca, sertanejo sul-mato-grossense, rap paulistano etc.) surgiram em estúdios caseiros, muitas vezes situados em favelas, inventando também modelos de negócios inovadores para lidar com um mundo que não oferece mais um caminho único (a grande gravadora, a parada da rádio) para atingir o sucesso.

Lição: é preciso apagar de uma vez por todas das políticas públicas uma frase que já foi lugar-comum: “Vamos levar cultura para as periferias.” As periferias têm cultura e agora também sua forma de divulgar o que produzem. Por conseguinte, já passou da hora de parar de pensar o povo, ou a nova classe média do país, como massa uniforme, dependente “do crediário”. Esses milhões de brasileiros que agora se fazem ver, ouvir e cobiçar refletem a própria diversidade nacional, também reforçada nos últimos anos – em suas dimensões regionais, culturais, raciais, religiosas etc. – e pensam, opinam, creem, aspiram de forma múltipla, adicionando assim ainda mais vigor às possibilidades do país.

São lições que valem para a cultura, a política, a economia, a comunicação e que exigem da política pública deixar de trabalhar na lógica do *broadcast*, como se fosse uma central única de produção de conteúdos a serem consumidos passivamente pelo grande público. É preciso aprender com essas novas vozes, agora bem audíveis, e

saber reinventar estratégias para acompanhar e apoiar sua vitalidade pública e privada, escapando ao risco de ficar ao largo de suas conversas.

Vivemos no mundo de hoje, pela mão das tecnologias digitais, a expansão do regime de “muitos para muitos”, com uma infinidade de conversas e produções de conteúdo acontecendo em paralelo, quebrando hierarquias. O Brasil testemunha a coincidência feliz desse momento com o do crescimento econômico e da construção tardia de uma cidadania democrática, inclusiva e universalizante. A força desse encontro já se expressa na trajetória original do país nos últimos anos e contém a sua energia para o futuro. A orkutização do Brasil veio para ficar. Antes minorias controlavam os espaços em que os destinos das majorias eram formulados ou decididos. Esses espaços foram invadidos pelas multidões, de várias classes. Não há volta. Hoje muitas ferramentas estão disponíveis para facilitar o protagonismo também na construção das ações governamentais, de forma colaborativa. O que precisamos agora é da orkutização das políticas públicas.





Secretaria de  
Assuntos Estratégicos

